

**BREVES REFLEXÕES**

# **EVANGELISMO**

**Por que a maioria dos  
crentes não evangeliza?**

**MIZAEL XAVIER**



# EVANGELISMO: POR QUE A MAIORIA DOS CRENTES NÃO EVANGELIZA?

MIZAEL DE SOUZA XAVIER

## ***TODOS OS DIREITOS RESERVADOS:***

***Proibida*** a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, sem a devida autorização assinada pelo autor, Mizael de Souza Xavier. A violação dos direitos é ***punível como crime*** (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19/02/1998, Lei dos Direitos Autorais). ***Este mesmo livro está publicado na Amazon*** (CÓDIGO ASIN: B0C7HL4ZKR ).

**Distribuição gratuita**  
**Venda proibida**

5S EDITORA  
PARNAMIRIM/RN - 2023

# Sumário

**Apresentação geral da série**

**Por que não evangelizamos?**

Ausência de conversão

A prática do pecado

Conhecimento bíblico infantil

Falta de percepção do chamado de Deus

O medo que sobrepuja a nossa fé

Ansiedade por frutos imediatos

Falta de paixão por Deus e pelo Evangelho

Ausência de certeza do amor e do perdão de Deus

Falta de submissão ao Espírito Santo

Falta de apoio da igreja local

Esfriamento da Palavra no coração

Confusão entre “evangelização” e “discipulado”

Sentimento de “dever cumprido”

Religiosidade infrutífera

Conhecimento teórico de Cristo

Ensino teológico em vez de pregação evangelística

Falta de percepção da fé

Compreensão errada da soberania de Deus

**Considerações finais**

**Referências bibliográficas**

# Apresentação geral da série

Saberás, pois, que o Senhor, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos; e dá o pago diretamente aos que o odeiam, fazendo-os perecer; não será demorado para com o que o odeia; prontamente, lho retribuirá. Guarda, pois, os mandamentos, e os estatutos, e os juízos que hoje te mando cumprir.

Deuteronômio 7:9-11

**A** Igreja cristã há tempos tem traçado veredas que a conduzem para longe de Deus e da sua Palavra. O continente europeu, berço das grandes missões que caracterizaram os séculos XVIII e XIX, hoje é considerado um continente pós-cristão, devido ao liberalismo teológico que se infiltrou nas igrejas e ao mundanismo que ele trouxe e que revelou, nada menos, os bodes e as ovelhas. Esta é a verdade. No Brasil, a principal linha teológica do liberalismo, bem como do neoliberalismo<sup>1</sup>, a Teologia da Prosperidade, tem estendido seus diabólicos tentáculos até mesmo nas igrejas tradicionais, que veem a sua teologia e a sua espiritualidade influenciadas pela Confissão Positiva de E. W. Canyon, Kenneth E. Hagin e Benny Hym. Em algumas, com um grau bem mais elevado; em outras, por meio de uma influência indireta através da decadente música gospel e da formação do pensamento dos fiéis na Internet e nas redes sociais. Torna-se necessário refletirmos sobre todas estas

---

1 Este e um tema abordado no volume desta série: “Por uma Igreja pensante”. Também veremos um pouco sobre a Teologia da Prosperidade no volume “Teologia da Prosperidade.”

coisas, a maneira como elas têm afetado a nossa espiritualidade e que formas podem ser implementadas para proteger a igreja e mantê-la sempre no caminho da ortodoxia, da sã doutrina. Às vezes, é em pequenos temas que se escondem ou se camuflam grandes problemas e heresias. Um pensamento aparentemente inocente pode esconder o germe de uma ideia bem maior e mais pervertida. Por isso, a exortação de Paulo a Tito é pertinente para a qualificação dos ministros do Senhor e para todos nós (Tito 1:9; 2:1):

apegado a palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer o que o contradizem... Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina.

No ano em que o Espírito Santo me regenerou e me converteu a Jesus pela Palavra em mim implantada (Tiago 1:21), 1994, iniciei a minha jornada através do maior de todos os conhecimentos: o conhecimento de Deus. Ao comprar a minha primeira Bíblia em uma livraria no centro da cidade do Natal, não me contentei apenas na sua leitura, mas passei a estudá-la e a produzir textos, que eram as minhas reflexões sobre aquilo que eu aprendia na Palavra de Deus. Hoje, a livraria não existe mais, mas a minha Bíblia ainda está comigo e nela, a Palavra que me foi evangelizada e que permanece para sempre (1 Pedro 1:25). Relendo uma agenda de 1995 em que realizava as minhas primeiras anotações em forma de estudos e reflexões sobre inúmeros temas, percebo o quando a graça de Deus me permitiu crescer no meu entendimento das Sagradas Letras. Creio que é isto que falta à maioria dos cristãos: interesse pelo conhecimento aprofundado da Palavra de Deus, em mergulhar neste oceano infinito

de sabedoria e aprendizado que vem do Alto. Existe um preconceito irracional contra a teologia e os teólogos, considerados crentes frios e, em muitos casos, desviados. Enquanto isso, esses mesmos críticos da teologia não leem a Bíblia com regularidade, não se interessam em conhecer o Deus a quem dizem servir, não são capazes sequer de expor o “plano de salvação”<sup>2</sup> nem de explicar os ensinamentos basilares da fé cristã. Eles constroem o seu conhecimento com base nos seus achismos, no pragmatismo e no pregador *coach* da moda.

Esta série de livros apresenta alguns questionamentos e convicções que construí ao longo dos meus anos como discípulo de Jesus, membro do seu Corpo, evangelista, pregador, estudioso e escritor e, acima de tudo, servo, para a glória de Deus. A minha intenção é oferecer ao leitor textos simples e diretos que respondam às questões propostas em cada tema, para a edificação, o estímulo à busca pelo maior de todos os conhecimentos e o crescimento na fé. O que me motivou a criar esta série foi uma pergunta que me fiz durante o culto na igreja em que congrego, enquanto o pastor se esforçava para convencer os irmãos da necessidade da liberalidade nos dízimos e nas ofertas, informando sobre contas no vermelho e sobre a criação de um carnê para que vinte voluntários fizessem uma doação do valor X por um determinado tempo. Graças a Deus, a igreja em questão, Batista, passa longe da Teologia da Prosperidade e trabalha com seriedade em tudo, incluindo a pregação ortodoxa e a correta administração das finanças. Mas como

---

2 Dois livros meus falam sobre a proclamação do Evangelho e o “plano de salvação”: “Curso de formação de evangelistas em quatro módulos, volume único” e “Influência Digital e Evangelização”. Ambos à venda na Amazon.

administrar o que não existe? Logo me surgiu uma pergunta na mente, que transformou-se no subtítulo do primeiro livro desta série: “Por que a maioria dos crentes não contribui financeiramente com a igreja local?”. Esta pergunta nos lança em uma longa jornada em busca das respostas certas, que geram conhecimento, transformam-se em prática e aumentam a nossa fé.

Estas e outras questões merecem uma reflexão e uma resposta. A resposta nem sempre vem adornada com belas e perfumadas flores, mas se está de acordo com a vontade de Deus expressa na sua Palavra, é boa, perfeita e agradável, mesmo que, segundo o nosso paladar mental e espiritual, sejam amargas. Outras perguntas também surgiram: Por que a maioria dos crentes não evangeliza? Por que tantas pessoas desprezam dogmas e doutrinas? Por que o cristão comum menospreza a razão e o conhecimento? Por que tantos que declaram o seu amor por Deus não leem a sua Palavra? Sei que muitos grandes homens de Deus – pastores, teólogos, escritores – têm se dedicado a estudar essas questões e a respondê-las em pregações e livros de relevância inestimável. Todavia, embora sendo o menor servo dos servos do Senhor, não posso deixar de dar a minha contribuição, de buscar todas as respostas e de oferecer ao leitor algumas delas.

Tenho certeza de que o conteúdo destes livros, embora bastante simples, causará um impacto positivo na mente e na fé de cada um, mas também levantará outros questionamentos. A minha oração é que cada leitor aproveite esses questionamentos para buscar respostas, para estudar a Palavra de Deus, para procurar crescer na graça e no conhecimento, de modo

a jamais serem induzidos ao erro, como escreveu o apóstolo Pedro, em 2 Pedro 3:14-18:

Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis, e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza; antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno.

*Soli Deo Gloria*

Mizael de Souza Xavier

Parnamirim, RN, 2023

# Por que não evangelizamos?

*“Nunca me canso de dizer que aquilo que a igreja necessita não é organizar campanhas de evangelização, a fim de atrair as pessoas que estão do lado de fora, mas começar ela mesma a viver a vida cristã.”*

*Martyn Lloyd-Jones*

Uma grande questão que deve nos chamar a atenção é: se a evangelização é a alma da Igreja, porque não nos preocupamos em falar e ensinar sobre ela e, acima de tudo, praticá-la de maneira habitual? As palavras do Dr. Lloyd-Jones devem nos chamar a atenção. Elas não são uma declaração contra a evangelização, mas a constatação de que a Igreja não está onde deveria estar nem faz o que deveria fazer. Pensando de maneira profunda, não deveria haver ministério de evangelismo nas igrejas ou a necessidade de campanhas e caravanas organizadas de evangelização. Se a Igreja vivesse a vida cristã como deve ser vivida, evangelizar seria sempre a sua prioridade e uma ação natural de cada cristão. Lutar para organizar uma ação missionária, suar para convencer os crentes a participar delas, correr atrás de apoio pessoal, logístico e financeiro não seria necessário se cada discípulo de Jesus cumprisse o seu papel com convicção e alegria. O pastor já não precisaria se esforçar culto após culto em apelar para que os irmãos saiam para evangelizar no bairro, porque os próprios irmãos se organizariam voluntariamente para isso.

Há alguns anos, tive a alegria de ganhar um livro do saudoso missionário e pastor, Russel P. Shedd. Na

ocasião, ele veio à minha cidade para participar de um evento de formação de seminaristas. Tive a oportunidade de conversar com ele e lhe fiz uma pergunta, que era mais ou menos assim: “Doutor Shedd, o que devo fazer para me tornar um missionário?”. Ele não me respondeu diretamente, mas me contou a história de um missionário que pregava a Palavra de Deus entre os povos que viviam nas regiões árticas, os esquimós. Certo dia, os esquimós que eram evangelizados, disseram ao missionário que ele lhes ensinava a Palavra de Deus, mas ele mesmo não a obedecia. O missionário ficou estarrecido e pediu explicações sobre o motivo de tal afirmação. Eles disseram ao missionário que ele lhes ensinava que deveriam comer tudo o que lhes fosse posto à mesa, conforme 1 Coríntios 10:25, mas que ele próprio não comia do alimento deles. Condoído com essa afirmação, o missionário quis concertar-se e pediu-lhes que lhe trouxessem o alimento. Então, eles lhe trouxeram uma carne praticamente apodrecida, que eles condicionavam no gelo para que durasse bastante tempo e pudessem consumi-la.

Comer ou não comer a carne que era o alimento próprio daquele povo? Lembro-me das palavras do apóstolo Paulo ao falar do seu empenho em não apresentar quaisquer barreiras à evangelização, contanto que a santidade da Palavra de Deus fosse mantida e o conteúdo da mensagem jamais fosse alterado: “Fiz-me de fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1 Coríntios 9:22). Ousadamente, pedi ao Dr. Shedd que me enviasse um livro sobre missões e lhe passei meu endereço. Algum tempo depois, recebi em minha

residência um pacote pelos Correios, com o livro “... Até aos confins da Terra: uma história biográfica das missões cristãs”, escrito por Ruth A. Tucker, da editora Vida Nova (edição de 1996). Creio que já li este livro umas três vezes! Ele foi o meu primeiro contato com os grandes nomes da evangelização e das missões cristãs, grandes homens e mulheres de Deus que deram a sua vida pela causa do Evangelho, que enfrentaram obstáculos que hoje já praticamente não existem mais, mas que na sua época eram quase que intransponíveis. Em meio a povos hostis, dificuldades geográficas, doenças mortais, escassez de alimento, a solidão, o desprezo e o escárnio, esses grandes santos e santas desconheciam obstáculos intransponíveis para levar aos perdidos o Evangelho da glória de Deus em Cristo.

A lista dos grandes missionários da Igreja se inicia no primeiro século, com os apóstolos e homens como Policarpo e Columba<sup>3</sup>. Nas missões romanas, Bonifácio e Las Casas. No avanço entre os morávios, o Conde Nicolaus Ludwig von Zinzendorf. Com o descobrimento das Américas, iniciaram-se as missões para o Novo Mundo, onde vemos nomes como John Eliot, David Brainerd e Marcus e Narcissa Whitman. No sul da Ásia Central, evangelizaram William Carey, Adoniram e Nancy Judon e Henry Martyn. Já o continente africano foi o ambiente escolhido por David Livingstone e Henry M. Stanley. No extremo oriente, evangelizaram Robert Morrison e os J. Hudson Taylor. Pregando no paraíso das ilhas do pacífico, estavam Henry Nott e os Missionários do Duff, bem como John Williams e Florence Young. Havia também as missionárias, tais como Chaerlotte Diggs Moon, Amy

---

3 Todas as informações foram pesquisadas no livro de Ruth A. Tucker.

Carmichael e Johanna Veenstra. Alguns estudantes igualmente se dedicaram às missões, como C. T. Studd, John R. Mott e E. Stanley Jones. Além de todos os missionários que empregavam todo o seu amor e esforços individuais, houve, também, algumas ações em áreas especializadas, como as “Missões Médicas”, aqueles que se empenharam na área da tradução e linguística para entregar a Bíblia na linguagem de cada povo, o início das transmissões e gravações por meio do rádio, destacando-se a Rádio Trans-Mundial; também tivemos a aviação missionária.

As missões cristãs protestantes contaram com um grande número de mártires, que não possuem seu altar nas igrejas, mas já carregam a sua coroa na glória do Senhor. Nós, cristãos brasileiros, somos frutos da graça de Deus que encheu de amor o coração dos primeiros missionários que ousaram nos trazer a Palavra de Deus. Os huguenotes, em 1558, tentaram criar uma colônia francesa no Brasil para desfrutar de liberdade religiosa e pregar o Evangelho entre os indígenas, solidificando aqui uma colônia francesa. A maioria, porém, morreu em alto-mar, enquanto outros foram executados pelos jesuítas. Falta-nos espaço nesta obra para contar sobre as missões brasileiras e todos os seus sacrifícios e avanços, mas o que os parágrafos anteriores até este ponto pretendem é insistir nesta questão importante para o nosso estudo: por que, hoje, homens e mulheres de Deus com essa ousadia estão tão escassos? Sim, temos missionários, verdadeiros guerreiros que ainda carregam, com todas as dificuldades e facilidades desta nova era da história, a Palavra de Deus a toda criatura. Todavia, quando temos uma visão geral da Igreja do Senhor – que é incontavelmente maior que a soma de todos os

missionários atuais - e entendemos que todos somos evangelistas e missionários, parece-nos que o Cristianismo evangélico está sofrendo de um *looping* temporal: está parado, estagnado, inoperante em comparação com aquilo que deveria ser. Por quê?

Apresentaremos alguns pontos que são cruciais para o entendimento da questão. Alguns irmãos podem apresentar suas justificativas pessoais para não evangelizar ou não fazer missões, mas enquanto pudermos alcançar o continente Africano a partir da palma da nossa mão - por meio do *smartphone* - dificilmente nossas justificativas serão verdadeiramente justificáveis. Não deixaremos de levar em conta, claro, aqueles irmãos cuja condição física de mobilidade e de saúde os impedem até mesmo de se comunicar com outras pessoas. Entretanto, com raras exceções, não existem justificativas reais para a não evangelização, uma vez que a Internet nos proporciona irmos onde os nossos pés não podem nos levar. No livro já citado - *Influência Digital e Evangelização* - esse tema é abordado com profundidade. Vemos que o Senhor nos deu o Espírito, a Palavra, as ferramentas e as oportunidades para pregarmos o seu Evangelho, só nos resta obedecer ao seu chamado e cumprir a nossa santa obrigação.

### **Ausência de conversão**

Todo aquele que foi convertido ao Senhor Jesus e selado com o seu Santo Espírito é participante do chamado missionário da Igreja. Não existem exceções! A Grande Comissão não exclui nenhum cristão, não apresenta justificativas para este ou aquele irmão

deixar de fazer a obra do Senhor. O próprio Espírito nos ensina todas as coisas: “mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (João 14:26). A partir da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, em Atos, todos aqueles que receberam o Espírito tornaram-se evangelistas e missionários, cumprindo-se a promessa do Senhor: “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (Atos 1:8). Está claro que o Senhor conhecia a extensão da Terra e do próprio tempo, de modo que não seriam apenas os apóstolos a pregarem o seu Evangelho, mas tantos quantos viessem a ser convertidos e transformados em novos “apóstolos”, para usar o sentido literal da palavra (enviados). Assim, a missão evangelizadora é uma marca indelével impressa na alma de todo aquele que é convertido.

Se tudo isso é verdade, uma das grandes razões que impedem que alguns cristãos professos sejam evangelistas é a ausência da verdadeira conversão. Na verdade, só existe uma conversão: a verdadeira, mas ela pode ser uma falsa impressão na vida daquele que está na igreja sem jamais ter sido regenerado pelo Espírito Santo. Isso está ligado a diversos fatores que merecem um estudo mais acurado<sup>4</sup>, mas que podem ser resumidos em duas questões. Primeira, o que pode estar por detrás da ausência de conversão é a deficiência do ensino e da pregação do Evangelho, quando a mensagem transmitida aos incrédulos não

---

4 Trago um estudo aprofundado e bastante didático sobre a conversão, no livro “Conversão: mitos, verdades e desafios”, ainda a publicar.

traz a sã doutrina, o genuíno leite espiritual que revela a santidade de Deus, confronta os ímpios com os seus pecados e convoca-os a se arrependerem e a se converterem. A Internet, as cruzadas evangélicas, as “marchas para Jesus”, os programas de rádio e de TV e um número incontável de púlpitos estão invadidos por palestras de autoajuda, por coaches que não pregam a verdade que deve ser ouvida, mas a mentira que agrada os ouvidos, que atrai seguidores, curtidas e inscrições. Esse tipo de mensagem atrai desde almas desesperadas em busca de soluções para seus mais diversos problemas, até corações gananciosos que almejam as bênçãos, vitórias e os milagres prometidos pelo pregador da moda.

A segunda questão é a consequência da pregação do verdadeiro Evangelho e dessas conversões insinceras: a presença de pessoas carnais dentro das igrejas, sem compromisso real com o Evangelho, o que inclui a falta de vontade de fazer discípulos para Jesus. Como fará novos discípulos aqueles que jamais foram discípulos? Como bem escreveu José H. Prado Flores (2016): “Evangélizar exige união com o Senhor. É um engano quem pensa que pode fazer algo para Deus, sem Deus!”<sup>5</sup>. Aqueles que atraem ímpios para suas congregações com um falso evangelho, não podem cobrar que eles, sem haverem se convertido de fato, ajam e sirvam como cristãos. Aqueles que jamais foram evangelizados não encontrarão razões para serem eles mesmos evangelizadores. Se os líderes da Igreja desejam ter verdadeiros evangelistas, precisam investir em verdadeiros convertidos, a começar pela mensagem que pregam e pelo seu ensino. Enquanto a autoajuda e

---

5 Posição 781-785, acessado em 4/12/2022, às 23:32:45h.

as mensagens triunfalistas dominarem os púlpitos e as letras das músicas cantadas nas igrejas, o mundo continuará sedento de ouvir as boas-novas da salvação.

## **A prática do pecado**

A ausência de um ímpeto evangelístico e de uma prática evangelizadora habitual por si só já se constituem um pecado individual e eclesial, uma vez que todos somos chamados a pregar as Boas-novas e a Igreja deve investir na pregação do Evangelho aos incrédulos. Se isso não é feito, o pecado jaz à porta. Este pecado, porém, pode refletir uma vida incoerente com o Evangelho que pregamos, que não nos estimula a falar aos outros que abandonem os seus próprios pecados, porque, apesar de tudo, somos sinceros conosco e percebemos que nós mesmos não somos capazes de abandonar os nossos próprios pecados. Creio que a maioria dos cristãos já passou por aquela situação em que pessoas vêm buscar consolo e conselhos conosco em situações iguais ou similares às aquelas que estamos enfrentando. No final das contas, mesmo sem saber o que fazer com a nossa própria situação, acabamos por aconselhar e orientar essas pessoas, como se Deus nos dissesse: “Viu, meu filho, como você sabe o que fazer? Agora é só praticar o seu próprio conselho”. O mesmo acontece com os nossos pecados: os pecados dos outros nos confrontam com os nossos próprios pecados e, quando pregamos a eles a Palavra de Deus e dizemos que se arrependam, falamos também a nós mesmos, cobrando-nos uma vida santa e coerente com a nossa nova natureza.

Além dessa sinceridade que não promove transformação alguma na nossa maneira de viver, existe a vergonha por vivermos um estilo de vida totalmente desconexo da mensagem que o Senhor nos envia a pregar. Como falar de Jesus aos meus familiares, uma vez que, ao contrário dos desconhecidos, eles me conhecem e sabem de todas as minhas falhas, incluindo aquelas que não deixo transparecer nas reuniões da igreja? Como pregar aos meus colegas de trabalho se meu comportamento na empresa é carnal e cheio de palavras torpes? Como pregar aos meus vizinhos, se eles sequer imaginam que sou cristão, porque meu comportamento não deixa transparecer isso? Os nossos pecados não impedem apenas que vivamos a plenitude da vontade de Deus, mas representam danos ao nosso testemunho diante das pessoas e, por conseguinte, à evangelização. Jamais seremos perfeitos enquanto vivermos neste mundo, mas isso não pode ser desculpa ou justificativa para o nosso pecado e para nos manter longe das nossas obrigações como servos do Senhor.

Tiago diz que não podemos enganar a nós mesmos, mas devemos ser praticantes da Palavra e não somente ouvintes (Tiago 1:22-25). Podemos, também, afirmar que devemos ser praticantes da Palavra e não apenas seus pregadores. Embora não sejamos a mensagem, o nosso testemunho demonstra ao mundo o poder da mensagem. Como pregar que Deus não somente perdoa os nossos pecados como também nos santifica se as nossas ações revelam o contrário? Talvez o fato de não pregarmos o Evangelho revele que, no fundo, não sentimos que ele vale a pena, porque olhamos para nós mesmos, para nossa dificuldade em lidar com as tentações, para as nossas

quedas e nos sentimos desanimados, como se a culpa recaísse sobre a Palavra de Deus, como se ela não fosse poderosa para nos salvar e nos libertar do domínio do pecado. O apóstolo Paulo considerava-se o principal dos pecadores (1 Timóteo 1:15), mas ousava dizer: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Coríntios 11:1).

O problema do pecado foi resolvido por Cristo na cruz. Deus nos perdoou e continua a nos perdoar. Nenhuma condenação pesa sobre quem está em Cristo (Romanos 8:1). Não é a nossa força ou vontade que opera em nós a santidade e o abandono do pecado todos os dias, mas a abundante graça de Deus. O apóstolo João escreveu: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1:8,9). E: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1 João 2:1,2). Se nos arrependermos dos nossos pecados e os confessarmos, o Senhor nos perdoará. Se insistirmos na sua prática, se ponderarmos sobre o que é mais importante – o pecado que cometemos e que nos traz prazer ou a vontade de Deus e a evangelização – talvez seja o momento de nos fazermos a pergunta: sou verdadeiramente discípulo do Senhor Jesus?

## **Conhecimento bíblico infantil**

A falta de conhecimento da Palavra de Deus também impede que o evangelismo aconteça. Costumamos ser condescendentes com aqueles irmãos que, por conta da sua condição simples, não possuem um alto grau de instrução, alguns não sabem ler e outros aparentam não possuir uma capacidade intelectual para ler, estudar e conhecer assuntos mais profundos - o alimento sólido. Quando o apóstolo Paulo diz aos cristãos de Corinto que foi preciso alimentá-los com leite, pois não se mostravam preparados para um alimento mais sólido, não se refere à sua incapacidade intelectual de apreender o conteúdo da Palavra de Deus, mas à sua espiritualidade carnal que os revelava ainda como meninos na fé (1 Coríntios 3:1-3). Quando fala a respeito do propósito dos dons espirituais, em Efésios 4:7-16, onde estão incluídos os evangelistas (v. 11), Paulo especifica que os dons existem para o aperfeiçoamento dos santos no serviço a Deus para a edificação do Corpo de Cristo (v. 12), “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (v. 13). Paulo não discrimina ninguém: não são apenas os mais sábios ou aqueles que possuem curso universitário, não são apenas os pastores e os mestres, mas até que “todos” alcancem a maturidade e “não sejam mais como meninos” (v. 14). Alguns vão ensinar para que “todos” possam aprender, sem exceções.

O autor de Hebreus escreveu um dos livros teológicos mais profundos do Novo Testamento, ao lado da carta de Paulo aos romanos. Somos levados a pensar que ele poderia ter escrito muito mais verdades

sobre o Senhor Jesus; todavia, ele afirma: “A esse respeito temos muitas coisas a dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir” (Hebreus 5:11). Portanto, a dificuldade do ensino não estava em um conteúdo impróprio para mentes despreparadas intelectualmente, mas para pessoas que não haviam aprendido a ouvir ou não estavam interessados em escutar. Ele também diz que aqueles irmãos já deviam ter se tornado maduros no conhecimento de Deus pelo tempo que caminhavam com Cristo (v. 12), mas se tornaram “como necessitados de leite e não de alimento sólido” (v. 12). E conclui: “Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (vs. 13,14). A ênfase aqui não está em alimentar o novo convertido com os ensinamentos basilares da fé cristã – embora isso seja uma prática correta – mas no progresso daqueles que, pelo seu tempo de conversão, já deveriam ter alcançado um conhecimento mais profundo dos oráculos de Deus, o que poderia ser observado através de uma prática de vida mais madura.

Nem Paulo nem o autor de Hebreus levam em conta a capacidade intelectual dos cristãos, muito menos o seu grau de escolaridade. Numa época em que não havia o ensino escolar como o temos hoje, a presença de pessoas analfabetas na Igreja deveria ser grande. Aquilo que une pessoas com pouca instrução e membros da igreja local com Phd ou MBA, é a presença do Espírito Santo. É Ele quem nos instrui naquilo que precisamos saber (João 14:26). Cabe a

cada cristão buscar o conhecimento, vencer suas próprias limitações intelectuais e acadêmicas, por amor a Deus, por sentir sede de conhecer a sua Palavra e pela necessidade de pregá-la e fazer discípulos. Muitos irmãos aprenderam a ler e a escrever a partir da leitura da Palavra de Deus. E com a Bíblia completa em áudio, traduzida em diversos idiomas e em inúmeras versões – incluindo BRAILE –, a desculpa de não ler – ou escutar – a voz de Deus não encontra fundamento algum. Além disso, é papel do pastor e dos mestres da Igreja instruírem-na a respeito da Palavra de Deus e estimular a “todos” os cristãos a aprofundarem o seu conhecimento e a sua prática. Não podemos excetuar ninguém! Se o líder da igreja local percebe que algum irmão ou irmã têm dificuldades no aprendizado, ele pode começar um trabalho diferenciado com esses irmãos, insistindo para que avancem no conhecimento das Escrituras Sagradas, que aprendam a ler e a escrever, que se empenhem no conhecimento e na prática. A fé cristã não se baseia em exceções – o irmão que, apesar de não saber ler nem escrever, é um grande servo de Deus e pregador do Evangelho – mas em mandamentos e regras absolutos.

### **Falta de percepção do chamado de Deus**

A ausência da prática evangelizadora na vida de muitos cristãos pode significar que eles não possuem uma percepção correta do seu chamado e da sua nova natureza. Muitos olham para a sua simplicidade e não conseguem se imaginar como pregadores do Evangelho, acima de tudo quando, erroneamente, comparam-se com os grandes pregadores que estão na

mídia, que fazem “sucesso” e possuem milhares de seguidores. Em momento algum, porém, a Bíblia isenta alguma classe de pessoas da missão evangelizadora, muito pelo contrário: “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1 Coríntios 1:27-29). Não existe aí uma desculpa para o irmão de condição humilde não se empenhar no conhecimento da Palavra de Deus, mas a certeza de que a nossa capacidade não vem de nós, mas dele (2 Coríntios 3:4-6). Portanto, todos somos convocados para trabalhar na obra do Senhor, sem exceções, com os dons e talentos que Ele nos dá. Após ser acusado de conspirador por Amazias, o profeta Amós não negou que ele não possuía cargo de profeta nem o status dos grandes profetas, mas era de natureza humilde, mas, ainda assim, Deus lhe dera uma missão para cumprir: “Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta, mas boieiro e colhedor de sicômoros. Mas o Senhor me tirou de após o gado e o Senhor me disse: Vai e profetiza ao meu povo de Israel” (Amós 7:14-15).

Nós fomos chamados em Cristo para a salvação e escolhidos para darmos frutos: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda” (João 15:16; cf. Marcos 13:14). Não foram somente os apóstolos os que foram escolhidos e enviados, mas todo aquele que, pela graça, recebe de Deus a salvação:

“Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Romanos 10:15). Assim como o apóstolo Paulo, somos embaixadores de Deus em qualquer lugar ou situação (Efésios 6:20). O que pode nos faltar é um discipulado bíblico consistente e a orientação pastoral, mas jamais o chamado e a obrigação de atendê-lo. Vemos aqui a importância deste tipo de estudo, do investimento em um discipulado que coloque o arado nas mãos de todos os crentes e os capacite a utilizá-lo, para que vão e façam discípulos de todas as nações. A ausência desse discipulado e o desinteresse do próprio cristão em aprender e crescer, culminam em muitos dos motivos para não evangelizar que este capítulo apresenta.

## **O medo que sobrepuja a nossa fé**

Uma das razões mais apresentadas para não evangelizar é o medo. Além do medo de falar em público que é comum à maioria das pessoas, existem outros medos que nos impedem de nos expressar e até mesmo de iniciar uma conversa evangelística. Cada medo tem a sua própria raiz, que precisa ser cortada para que a evangelização aconteça. De modo geral, o medo está ligado a não saber se expressar, a não saber o que falar e ao que as pessoas vão dizer. Alguns temem a reprovação da família, o afastamento dos amigos, a perseguição no ambiente profissional e ao escárnio do mundo. Todos esses medos são compreensíveis, mas não podem ser aceitáveis nem determinantes. O cristão possui o Espírito Santo que o capacita não somente para pregar a mensagem do Evangelho, mas também para enfrentar as

consequências da evangelização. Quando o Senhor Jesus enviou os seus discípulos para evangelizar, não os enviou diante de uma plateia sedenta de ouvir o que os palestrantes teriam para lhes dizer, muito pelo contrário. Ele próprio alertou-os: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mateus 10:11). Falar a um mundo que odeia a Cristo é falar a lobos, mas compreendendo que ali existem ovelhas do pasto do Senhor que precisam escutar o Evangelho.

Devemos salientar algumas causas para o medo que merecem uma maior atenção:

- *Falta de confiança em Deus.* Essa falta de confiança diz respeito à pessoa do próprio Deus e também à sua Palavra. Isso se desdobra em várias consequências, tais como: não crer nas promessas de Deus sobre a salvação, não crer na bondade e na misericórdia de Deus, não crer que o sacrifício de Jesus seja necessário ou suficiente para salvar o pecador. É preciso muito cuidado, porque essa falta de crença pode revelar uma razão muito mais séria: não ser alguém verdadeiramente convertido. O apóstolo Paulo não era um “superapóstolo” ou um “suprecrente”, mas reconhecia as suas fraquezas na prática da sua missão. Por outro lado, ele entendia que o poder que precisava não vinha dele, mas de Deus e do Evangelho: “Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este

crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (1 Coríntios 2:1-5).

- *Falta de confiança na eficácia da pregação do Evangelho.* Para muitos pregadores e evangelistas, o Evangelho puro e simples não é suficiente para convencer o pecador a respeito de Jesus e da necessidade de salvação. Por isso, criam uma mensagem mais crível, com elementos da autoajuda e da neurolinguística, de modo a suprir a suposta deficiência da mensagem evangélica. Como vimos no caso do apóstolo Paulo, o poder e eficácia da mensagem repousam sobre a cruz de Cristo, no poder que ressuscitou o Senhor dentre os mortos e que ressuscita da morte espiritual aquele que crê. Outros, pelo medo de pregar e pela desconfiança na eficácia da Palavra de Deus – que é viva e eficaz (Hebreus 4:12) – preferem apostar no seu próprio testemunho, esperando pacientemente que os ímpios observem seu bom comportamento e sintam vontade de conhecer o Senhor. Ainda outros, simplesmente desprezam o evangelismo porque não acreditam em si mesmos como pregadores ou porque não enxergam na sua própria vida o poder do Evangelho.

- *Falta de confiança no poder do Espírito Santo.* Este ponto possui alguns elementos com o anterior: por não confiarmos que o Espírito Santo tem poder para convencer e converter o incrédulo, apelamos para alguns subterfúgios, como uma música suave de fundo durante a pregação e o apelo ou oferecemos brindes e facilidades a quem aceitar a Jesus (vitórias, bênçãos, milagres, etc.). Se alguns não pregam com medo que o Espírito Santo não cumpra com o seu papel, outros investem na sua eloquência, como se a conversão dependesse do seu desempenho como pregador, afinal de contas, pode ser que o Espírito precise de uma “mãozinha”. Outro medo relacionado ao Espírito Santo diz respeito à sua capacitação: alguns cristãos, por diversos motivos, não se sentem capacitados para pregar o Evangelho e pensam que esta é tarefa para outros mais capazes e melhor preparados. Talvez estes um dia alimentaram esse medo, até que decidiram se capacitar e se preparar para fazer a obra do Senhor.
- *Falta de conhecimento.* Todos esses medos possuem a sua raiz em um medo maior: o que nasce da falta de conhecimento. Por não conhecerem a Palavra de Deus, os cristãos medrosos não pregam pelos motivos anteriores e por outro ainda: não possuem nada para dizer! Eles nada sabem sobre Deus, a condição dos incrédulos, a necessidade de salvação, como a conversão acontece, o que fazer para ser salvo, detalhes sobre céu e inferno, sobre a vinda de

Jesus, o julgamento da humanidade e o arrebatamento da Igreja. A falta de conhecimento traz incredulidade e insegurança e faz com que o Evangelho deixe de ser pregado. Este medo pode atrapalhar a vida do novo convertido e trazer-lhe segurança, mas pode e deve ser vencido pelo poder do Espírito Santo e pelo aprendizado da Palavra de Deus. De fato, evangelizar sabendo que poderemos ser questionados pelos incrédulos ou confrontados por fiéis de outras crenças pode trazer alguma insegurança. Esta, porém, será vencida por meio da convicção de fé do cristão, da oração, do aprendizado e do treinamento.

Além de conhecer e prosseguir em conhecer o Senhor (Oseias 6:3), o evangelista deve deixar de olhar para si mesmo – tanto suas limitações quanto suas qualidades pessoais – e olhar para o Senhor Jesus. É dele que vem o conhecimento e o poder que precisamos para evangelizar. Não podemos nos tornar temerosos nem arrogantes. O mundo precisa de pessoas destemidas e apaixonadas por Jesus e pelo seu Evangelho, que se coloquem na linha de frente da pregação e estejam dispostas a enfrenar os lobos, porque a sua recompensa não tarda. Conforme escreveu Flores (op. cit.): “Não basta o zelo pela evangelização, faz-se necessária a paixão pelo Evangelho; e, mais ainda, a obsessão por Jesus, de tal maneira que não queiramos saber de nada além dele”.<sup>6</sup> Não devemos temer nada quando fazemos a vontade de Deus. O Senhor disse ao profeta Isaías: “não temas,

---

6 Posição 1059-1061, adicionado em e de dezembro de 2022, às 03:36:50h.

porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel” (Isaías 41:10). A Josué, Ele disse: “Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares” (Josué 1:9). Aquele que ama a Deus e a sua Palavra, não teme, mas lança fora o seu medo e fica firme no amor de Deus (1 João 4:18), vive e prega este amor.

### **Ansiedade por frutos imediatos**

Alguns grandes evangelistas, acostumados às grandes multidões, medem o sucesso do seu ministério pelo número de pessoas que se convertem em cada evento que participam. Quanto menos pessoas, menor parece ser o seu êxito, como se a conversão dos pecadores dependesse diretamente da sua performance, não da soberania e do poder de Deus. O cristão comum, que não está nos palcos das grandes cruzadas evangelísticas, também se preocupa com a morosidade com que as conversões aparecem, como se estivesse em sua capacidade a germinação da semente no solo em que foi semeada. Muitas vezes, a demora por ver conversões quando se ora pelos incrédulos e os evangeliza faz com que muitos desanimem e até desacreditem da evangelização. O desânimo e a desistência também vêm quando percebemos que os outros não se empenham em evangelizar, quando marcamos uma ação evangelística e poucos aparecem dispostos a levar ao mundo a semente da Palavra de Deus. Como tenho dito à irmã líder do ministério de evangelismo da igreja em que congrego, devemos

trabalhar com a quantidade de pessoas que tivermos e não deixar de evangelizar porque a maioria não quer se envolver. Enquanto isso, ensinamos e discipulamos para que toda a igreja se convença de que evangelizar não é uma opção, mas uma honra e uma missão inerente a todo convertido.

Uma das grandes lições sobre o evangelismo é que ele começa, desenvolve-se e se completa em Deus. É Ele quem produz o crescimento da semente. O Senhor Jesus contou a seguinte parábola a respeito do Reino de Deus, em Marcos 4:26-29:

Disse ainda: o reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra; depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como. A terra por si mesma frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga. E, quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa.

Vemos isso na prática na igreja de Corinto, para quem Paulo escreve: “Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1 Coríntios 3:6,7). Ambos tiveram o seu papel na evangelização no campo da cidade de Corinto, mas nenhum deles foi capaz de fazer com que a semente germinasse e crescesse; isso é algo que compete somente a Deus. O próprio Filho do Homem pregou a pessoas que não receberam a sua palavra nem foram convertidas (Lucas 10:13-15). Como podemos constatar em todo o livro dos Atos dos apóstolos, nem mesmo os doze e o apóstolo Paulo puderam ver todos aqueles que eles evangelizaram sendo convertidos. A prova está nas perseguições e

martírios que todos sofreram. Em Atenas, o apóstolo Paulo enfrentou o descaso dos atenienses, embora tenham ocorrido algumas conversões (Atos 17:16-32). No Evangelho de João, vemos o extenso diálogo entre Jesus e Nicodemos a respeito do novo nascimento (3:1-21). Depois disso, não vemos mais Nicodemos em todo o Evangelho, até o sepultamento de Jesus (19:39), onde ele se encontra entre aqueles que preparavam o sepultamento do Senhor. Não sabemos em que momento Nicodemos foi convertido, mas sabemos que a semente que o Senhor lançou em seu coração germinou e deu frutos.

Ao evangelizar, não devemos nos render ao imediatismo e querer que as respostas cheguem quando achamos que deveriam. Deus tem o seu modo de trabalhar na vida de cada pecador, seus propósitos eternos que jamais falharão. A parte que nos cabe é pregar a Palavra e confiar que ela cumprirá o seu propósito no coração daqueles que a escutam. O autor de Hebreus escreveu: “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hebreus 4:12). O apóstolo Paulo afirmou que o Evangelho é “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16). Séculos antes, Deus havia falado por intermédio do profeta Isaías (55:10-11):

Porque, assim como desce a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas

fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei.

Não podemos jamais perder a confiança nos propósitos de Deus e na eficácia da sua Palavra. Entretanto, também não podemos esquecer de que a Palavra de Deus, o Evangelho, não abrirá o coração de todos os pecadores, muito pelo contrário: fechará o coração dos ímpios e muitos jamais virão a crer. Se o Evangelho é poder de Deus para a salvação daqueles que creem, ele também é loucura para os que se perdem. Quando pregamos o Evangelho, exalamos o perfume de Cristo no mundo; e, como escreveu Paulo: “Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para estes, cheiro de morte para a morte; para com aqueles, aroma de vida para a vida” (2 Coríntios 2:15,16). Entre muitos daqueles que evangelizaremos, estão aqueles a quem o deus deste século cegou o entendimento “para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Coríntios 4:4). O Evangelho está encoberto para os que se perdem (v. 3), segundo a vontade soberana de Deus, pois “tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz” (Romanos 9:18). Muitos daqueles que evangelizamos, provavelmente morrerão na incredulidade, não por causa da nossa falta de fé ou da nossa “baixa performance”, mas pela vontade de Deus. O que jamais podemos deixar de fazer, havendo ou não conversões – e sempre haverá – é pregar o Evangelho a toda criatura.

## **Falta de paixão por Deus e pelo Evangelho**

É comum aconselharmos aqueles que estão há muito tempo no Evangelho para que voltem ao primeiro amor, ao ímpeto evangelístico e missionário que tinham logo no início da sua conversão. Os primeiros meses após a conversão parecem cruciais: o nosso coração arde de amor por Deus e ansiamos por transmitir ao mundo a alegria do Evangelho, a mensagem que nos salvou e que transformou a nossa vida. Com o passar do tempo, porém, vamos nos acostumando com a vida eclesial e o primeiro amor vai deixando de ser novidade para se tornar apenas um hábito. A nossa conversão transforma-se em religiosidade e a nossa preocupação com a vida cristã parece resumir-se em um esforço diário por obedecer a Deus e cumprir os nossos deveres e obrigações para com a igreja local. Infelizmente, estamos numa época de esfriamento espiritual, de religiosidade mecânica, sem paixão por Deus, por sua obra e pelos perdidos do mundo. Aqui e acolá ainda eclodem alguns ímpetos evangelísticos, normalmente nascidos no coração de jovens convertidos. Contudo, não importa quanto tempo temos de conversão, jamais deveríamos permitir que o amor a Deus e à sua obra esfriasse dentro de nós.

A falta de paixão por Deus e pelo Evangelho da sua graça também está ligada àquilo que deixamos entrar e permanecer no nosso coração, que nos afasta da santidade e do prazer de fazer a vontade de Deus. Onde está o nosso coração? “O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más” (Mateus 12:34). A nossa boca fala do que está cheio o nosso coração! Poderíamos

também dizer que a nossa boca deixa de falar porque o nosso coração está vazio daquilo que precisa ser dito. Somente quando a Palavra de Deus habitar ricamente em nós, ao ponto de transformar as nossas estruturas mentais e espirituais, é que seremos capazes de ter paixão pelo Senhor e ardor pela evangelização. O apóstolo Paulo escreveu: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instrui-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão em vosso coração” (Colossenses 3:16). Tudo começa quando a Palavra de Cristo habita em nós. É ela que nos possibilita viver o amor de Deus e pregar o seu Evangelho. “E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus” (v. 17).

Quando o amor pelas coisas do mundo é maior que o nosso amor por Jesus e pela sua obra, a paixão pelas almas dos incrédulos também deixa de arder dentro de nós. O amor pelo mundo nos distancia de Deus. Quando falamos em amor ao mundo, referimo-nos aos cuidados com aquilo que dele precisamos sem confiar na provisão de Deus, como também nos prazeres que ele nos oferece e que nos seduzem, despertando o desejo no nosso coração de pecar. Tudo que o mundo tem a oferecer, com seus valores distorcidos que geram morte, é fonte de toda sorte de pecados que nos desviam daquilo que deveria ser o nosso foco continuamente. Tiago escreveu: “Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus?” (Tiago 4:4). O apóstolo João nos orienta nestes termos (1 João 2:15-17):

Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

A matemática é: quanto mais amor ao mundo, menos amor a Deus; ou: quanto menos amor a Deus, mais amor ao mundo. A segunda opção parece a mais exata. A única maneira de vivermos o amor de Deus é tornando-o a nossa única prioridade, de modo que tudo na nossa vida se adequará a ela, não o contrário. A cada dia, a nossa agenda parece estar cada vez mais lotada de problemas e atividades, de modo que a obra de Deus precisa esperar para encontrar espaço nela. O grande problema está nas nossas prioridades: priorizamos aquilo que é do nosso interesse pessoal e que nos trará benefício próprio. Quando chamado para a pregação do Evangelho, o apóstolo Paulo podia dizer: “logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Colossenses 2:20a). E também: “Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Filipenses 1:21). Nós não servimos nem nos relacionamos com o Senhor como quem serve a algum líder humano ou a uma religião pagã. Amamos e servimos ao Deus vivo e verdadeiro (1 Tessalonicenses 1:9). Se nossa paixão por Deus e pelo evangelismo esfriou, significa que o nosso amor e o nosso zelo por Deus também esfriaram. Precisamos voltar ao primeiro amor (Apocalipse 2:5) e recomeçar dali, crescendo sempre na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2 Pedro 3:18).

## **Ausência de certeza do amor e do perdão de Deus**

O que pregamos ao mundo? Qual a nossa mensagem evangelística? Falamos sobre a santidade de Deus e a sua intolerância a respeito do pecado, sobre a sua ira que pune o pecador com o castigo eterno. Mas também falamos que Ele tanto nos amou que providenciou uma Rocha de salvação para que todo aquele que nele crê, receba o seu perdão e a graça da vida eterna. Como faremos isso, porém, se não nos sentimos amados e perdoados por Deus? Seremos como os artistas que fazem propagandas na TV e na Internet de produtos que eles mesmos não confiam nem consomem. Existem muitos religiosos nas igrejas, que se dizem convertidos e até praticam algumas ações comuns a todo cristão, mas que não se sentem verdadeiramente amados por Deus nem perdoados por Ele. Com que autoridade e confiança levarão aos incrédulos uma mensagem de esperança para suas almas, de perdão para os seus pecados se nem mesmo eles confiam no amor e no perdão de Deus? É necessário que cada cristão examine a si próprio e procure entender se esse sentimento parte, na verdade, do fato de não ter ocorrido uma conversão verdadeira. Isso é possível, acima de tudo, quando a conversão não partiu de uma obra do Espírito Santo, mas da vontade humana e de interesses egoístas nas bênçãos de Deus, como vimos logo no primeiro ponto, ao tratarmos sobre a ausência de conversão.

Se fomos convertidos pelo Espírito Santo, devemos ter certeza do perdão de Deus, não somente o perdão que nos introduziu na fé, mas também aquele que acontece todas as vezes que pecamos. O fato de

cairmos em tentação pode nos desanimar e fazer com que não nos sintamos dignos de falar do amor e do perdão de Deus, uma vez que nós mesmos pecamos. Entretanto, a autoridade e o poder para pregar o Evangelho não está na nossa capacidade de não pecarmos, porque Deus conhece a nossa estrutura, sabe que somos pecadores, mas nos usa mesmo assim. É certo que não devemos pecar, mas viver em santidade. O pecado afeta, inclusive, o nosso testemunho diante das pessoas que queremos evangelizar. Mas se nos arrependemos e confessamos os nossos pecados, somos perdoados por Deus (1 João 1:9). A misericórdia e o perdão de Deus não são possibilidades, mas uma certeza (João 3:16; Romanos 5:8). A misericórdia do Senhor para conosco nos impele a sermos misericordiosos e a proclamarmos o Evangelho àqueles que ainda precisam ser alcançados por essa misericórdia.

### **Falta de submissão ao Espírito Santo**

O Espírito Santo é o Evangelizador que nos usa e fala através de nós das maravilhas da graça de Deus, como veremos mais adiante, ao estudarmos sobre o papel do Espírito Santo na evangelização. O poder que habita em nós para testemunharmos do Evangelho, vem do Espírito de Deus (Lucas 24:49; Atos 1:8), como foi com os apóstolos: “Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (Atos 4:33; cf. Atos 1:7,8). Como crentes em Cristo Jesus, somos guiados pelo Espírito Santo, que nos faz filhos de Deus (Romanos 8:14). Isso deve se transformar em algo

prático na nossa vida, ou seja, devemos nos deixar guiar pelo Espírito, não somente naquilo que diz respeito à possibilidade de cairmos em pecado (Gálatas 5:16), mas também no uso dos seus dons e a sua direção na evangelização. Quando não nos submetemos ao Espírito Santo, deixamos de escutar a sua voz nas Escrituras e de atentar às suas orientações sobre quando, como, onde e a quem pregar o Evangelho. A nossa mente pode estar abarrotada de outras preocupações, inclusive religiosas: eventos, programações, festividades e não sobra espaço para escutar o que o Espírito de Deus tem para nos falar.

Os pecados da carne não envolvem somente aquilo que não devemos fazer, mas também aquilo que deixamos de fazer quando deveríamos: “Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não faz nisso está pecando” (Tiago 4:17). Quando nos submetemos ao Espírito Santo e somos influenciados por Ele, grandes coisas acontecem na nossa vida e na missão evangelizadora, como atestamos na vida de todos os apóstolos e missionários relatada no Novo Testamentos. Em Atos 16:6-10, vemos claramente que era o Espírito Santo quem influenciava as escolhas de Paulo com relação ao seu ministério e sua missão. Paulo era alguém sensível à voz do Espírito. Essa sensibilidade não se dá por meio de meditação, mas é necessário buscá-la, submetendo-nos constantemente à Palavra de Deus, desenvolvendo uma vida de oração e comunhão com os irmãos. Quanto mais a nossa vida estiver impregnada das coisas de Deus, mais sensíveis e obedientes à voz do Espírito seremos. E esta é uma obra que o próprio Espírito opera em nós.

## Falta de apoio da igreja local

A salvação é pessoal, ou seja: não somos salvos porque fazemos parte de uma comunidade de pessoas salvas ou porque nossos pais são salvos. Mesmo nascendo em um lar cristão e vivendo uma vida religiosa na igreja local, todos precisamos ter um encontro pessoal com Cristo, passar pelo evento da conversão. Todavia, este é o único elemento individual e particular da vida cristã. A partir da conversão, o cristão é inserido no Corpo de Cristo, que é a Igreja, e toda a sua vida será vivida em comunidade, onde ele aprenderá o valor de “uns aos outros”, “uns dos outros”, “uns pelos outros” e “uns com os outros”, ou simplesmente o termo “mutuamente” (cf. Hebreus 3:13). Espera-se que o convertido tenha a sua vida particular de oração e leitura da Palavra de Deus, como também seus frutos e suas obras individuais, mas toda a sua caminhada cristã será vivida em comunhão com outros irmãos. Ele crescerá e se desenvolverá a partir do contato com os outros membros do Corpo, dando e recebendo amor e serviço. Embora a evangelização também seja algo pessoal, ela também ocorre em um contexto de comunidade: somos discipulados para discipular, aprendemos uns com os outros para ensinar, estimulamos uns aos outros ao amor e às boas obras (Hebreus 10:24). Portanto, contamos uns com os outros para atuarmos juntos na obra de Deus.

Por esses e outros motivos existe a igreja local: para que os cristãos vivam e trabalhem juntos na obra do Senhor, acima de tudo na evangelização. O que causa desânimo em muitos evangelistas é a total falta de apoio da liderança e da igreja local nas ações

evangelísticas com a comunidade. O problema tem seu início na ausência de pregações e estudos que ensinem sobre evangelismo e missões e que estimulem todos os irmãos a se envolverem nesta obra excelsa, apresentando-a como uma missão de todo convertido, não como uma alternativa. Não há preocupação com o discipulado, o treinamento e a capacitação de servos e servas do Senhor para pregarem o Evangelho com eficiência. Por falta de apoio e motivação, os grupos de evangelismo se restringem a menos de 1% dos membros da igreja, ficando restrito a poucos que lutam para não deixar morrer a chama evangelística. O envolvimento maior ocorre em campanhas e cruzadas evangelísticas, mas no dia a dia, há pouca preocupação com a pregação do Evangelho aos incrédulos.

Nada disso deveria servir de desestímulo para aqueles que sentem o coração arder de amor por Jesus e pelo seu Reino. Se em uma congregação com cem pessoas, apenas cinco se dispõem a sair para evangelizar, que sejam essas cinco a evangelizar! Todavia, isso não pode servir como desculpa nem como motivo para que a igreja local se acomode e deixe tudo nas mãos de poucos. Enquanto damos glórias a Deus por aqueles que se dispõem a ir, ensinamos, admoestamos e insistimos para que toda a igreja se envolva. O erro de muitos líderes é se conformar com “pelos menos alguns participam” e não considerarem pecado e descaso a não participação da maioria. Grande Comissão não é um bloco carnavalesco “Vai quem quer”, mas todos devem ir, porque todos foram chamados e enviados. Com tudo isso, porém, aqueles que desejam evangelizar não podem jamais desanimar nem desistir por causa da má vontade dos outros. Enquanto motivamos o restante, façamos a nossa

parte, que já serve de testemunho contra os insensíveis e acomodados e motivação para que eles se entreguem à obra do Senhor.

## **Esfriamento da Palavra no coração**

A evangelização é fruto de almas convertidas pela graça de Deus, que compreendem o valor das Sagradas Escrituras, a sua importância, a sua necessidade e a sua eficácia na salvação do pecador e no seu discipulado. Aqueles que amam a Deus, amam também a sua Palavra e sentem uma necessidade insaciável de conhecê-la e de amá-la. “Achadas as suas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo teu nome sou chamado, ó Senhor, Deus dos exércitos” (Jeremias 15:16). Davi cantou: “agrada-me fazer a tua vontade, é Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Salmo 40:8). Quando não amamos essa Palavra, quando não nos importamos em ler e estudar aquilo que o Senhor nos revelou nas Sagradas Escrituras, a chama do evangelismo se esvanece. Como pregaremos ao mundo perdido uma Palavra que nós mesmos não conhecemos nem valorizamos? Como aconselharemos aqueles que estão longe de Deus a crerem no Evangelho e no Senhor Jesus (João 14:1-25) se não somos evangelizados e edificados pela Palavra todos os dias? Se a Palavra de Deus não arde no nosso coração, como se transformará em prática?

O apóstolo Paulo escreveu a Timóteo que ele fosse um obreiro aprovado, que maneja bem a Palavra de Deus, para não ter do que se envergonhar (2 Timóteo 2:15). Aquele que não conhece a Palavra de

Deus, não sabe o que deve praticar, muito menos o que deve pregar, o que em algum momento da sua vida lhe trará muito constrangimento. Esta é a razão de muitos cristãos não evangelizarem: não conhecem a Bíblia e, por isso, não sabem sobre o que falar aos incrédulos. Nenhum mensageiro é capaz de entregar uma mensagem ao destinatário sem conhecê-la. A Bíblia não é um envelope fechado, com uma mensagem secreta que levamos ao mundo, mas um livro aberto, com uma mensagem que precisa ser lida, entendida, vivida e transmitida. Imaginemos que alguém envia uma mensagem a outra pessoa através de um mensageiro; todavia, o mensageiro não tem a preocupação de prestar atenção à mensagem, de guardá-la na sua mente ou mesmo de escrevê-la em algum lugar. Quando chegar diante do destinatário, o que transmitirá? Ele poderá dissertar sobre a sua profissão de mensageiro, sobre os perigos que enfrentou até chegar ali e até que tem certeza de que a mensagem era muito importante, mas se não for capaz de transmitir o conteúdo do que lhe foi passado, não terá feito absolutamente nada. Assim são muitas igrejas: falam do emissor da mensagem – Jesus – e do valor dos mensageiros – a Igreja –, mas não são capazes de falar nada do que Jesus ordenou que falassem.

Os incrédulos precisam conhecer o Senhor Jesus conforme revelado nas Sagradas Escrituras, não aquilo que pensamos ou sentimos em relação a Ele, não as nossas experiências pessoais e nossos testemunhos de bênçãos. Ninguém se converterá genuinamente a Jesus com base na nossa experiência e no nosso testemunho, sem haver sentido a alma arder com os seus pecados e o coração se inflamar de arrependimento. Um dos grandes riscos aqui é que muitos mensageiros não são

evangelistas, mas propagandistas, que levam ao mundo suas conquistas, mas não falam da conquista do Senhor por meio do seu sacrifício vicário na cruz. O apóstolo Paulo escreveu a respeito do seu ministério: “Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus” (2 Coríntios 4:5). Assim como aconteceu com Paulo a caminho de Damasco, somente um encontro pessoal com Cristo pode nos tornar seus mensageiros, tendo a Bíblia como a espada do Espírito (Efésios 6:17), que transpassa a alma e o coração do ímpio para convertê-lo das trevas para a luz. Mas também é preciso amar e saber manusear essa poderosa espada. Sem a mediação do amor, o saber ensoberbece (1 Coríntios 8:4).

### **Confusão entre “evangelização” e “discipulado”**

Por mais paradoxal que isso possa parecer, às vezes não evangelizamos quando evangelizamos. Isso acontece por duas razões: primeira, quando o conteúdo da nossa mensagem não é Querigmático<sup>7</sup>, verdadeiramente evangelizador; segunda, quando pregamos doutrinas próprias da prática cristã a pessoas que não podem crer nelas nem obedecê-las, porque ainda não são convertidas, não nasceram de novo. Ou seja: queremos discipular os incrédulos mesmo antes que eles se tornem discípulos de Jesus. Algumas pregações evangelísticas, direcionadas ao público incrédulo, falam a respeito de uma moralidade que só é possível àqueles que nasceram de novo, que

---

7 O “Querigma” ou “*Kerygma*” é a proclamação de Cristo como Senhor e Salvador, ou seja, a mensagem evangelística que levamos aos incrédulos.

são templos do Espírito Santo e que, por isso, possuem um estímulo divino para dizer não ao pecado e viver em santidade, de acordo com a Palavra de Deus. Sugerir ao descrente que ele deve andar como Cristo andou sem avisá-lo que, para isso, ele precisa se tornar discípulo seu discípulo, é insistir que as trevas produzam luz ou rebaixar o Evangelho a um manual de moralidade capaz de ser seguido até mesmo por quem não é convertido.

Existe a possibilidade de alguém ser convencido a seguir a Jesus por meio do ensino doutrinário, por entender que deve ser uma boa pessoa e cumprir com algumas ordenanças morais e rituais religiosos. Podemos chamar isso de *abraçar uma nova crença* ou *entrar para uma religião* e assumir um novo estilo de vida. Todavia, a conversão não é a inserção do pecador em um grupo religioso ou uma simples mudança de hábitos, mas a reconciliação com Deus por meio da justificação pela fé em Jesus Cristo, do novo nascimento, que ocorre quando somos convencidos pelo Espírito Santo e regenerados, quando nos arrependemos dos nossos pecados e buscamos o perdão de Deus. A priori, o Evangelho não pretende criar bons cidadãos, bons pais, bons filhos, bons políticos, empresários honestos e cônjuges fiéis. O seu objetivo é salvar aquele que está perdido. O discipulado para que todas essas coisas se tornem possíveis e reais na vida do incrédulo, vem depois da sua conversão.

## **Sentimento de “dever cumprido”**

Existe sempre grande ênfase nas igrejas na força do trabalho da juventude, nesses novos evangelizadores que estão cheios de vigor físico e mental, cheios de ânimo e ímpeto evangelístico e missionário. Embora isso seja uma verdadeira bênção e as igrejas devam investir ao máximo na vocação dos jovens evangelistas, na mente de muitos cristãos veteranos, os jovens são os seus substitutos na missão evangelizadora, de modo que eles já podem se aposentar e descansar, sabendo que os novos combatentes já os renderam e saíram em campo. Lembro-me que cheguei a falar sobre isso em um dos momentos missionários da igreja que frequento. Enfatizamos os mais jovens e nos esquecemos que os mais velhos – tanto em relação à idade, quanto ao tempo de conversão – jamais deixam de ser evangelistas e missionários. O velho apóstolo Paulo, após longos anos dedicados ao ministério da pregação do Evangelho, só viu o fim da sua carreira no fio da espada romana. Escrevendo do cárcere, em Roma, a Filemon, Paulo se intitula “Paulo, o velho” (Filemon 1:9). Sabemos que, mesmo já idoso e encarcerado, Paulo jamais deixou de pregar nem de influenciar as pessoas e o mundo, mesmo com as suas próprias cadeias. Ele escreveu aos cristãos de Filipos (Filipenses 1:12-14): “Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho; de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais; e a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor

por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus.”

Outro problema existente neste ponto é que a ênfase dada à juventude e até mesmo às crianças como futuros missionários, transmite a ideia errônea aos mais velhos de que eles não podem ou não precisam evangelizar. Deixem tudo com os jovens! Embora os adultos, acima de tudo os idosos, não possuam o mesmo vigor dos mais novos, eles devem possuir o mesmo vigor espiritual, a mesma força propulsora dada pelo Espírito Santo para pregar o Evangelho aos perdidos enquanto possuírem fôlego. “Todo ser que respira louve ao Senhor. Aleluia!” (Salmo 150:6). Se já não é possível caminhar de sol a sol, viajar longas horas ou dormir fora de casa, em condições, muitas vezes, precárias, ainda assim haverá um vasto campo missionário a ser desbravado: familiares, vizinhos, visitas, colegas, funcionários e o público de serviços públicos e a Internet. As opções são numerosas. O importante é que ninguém pode chegar ao sentimento de dever cumprido enquanto ainda estiver neste mundo e possuir condições de falar do Evangelho. Quando essas condições não mais existirem, Deus entenderá.

## **Religiosidade infrutífera**

Os fariseus faziam parte de um grupo de religiosos radicais judeus, que ao mesmo tempo zelavam pela Lei de Moisés e a quebravam por meio de uma prática religiosa superficial e, em muitos casos, hipócrita. Vemos, nos Evangelhos, diversos embates entre esses religiosos e o Senhor Jesus, que chegou a

alertar aos seus discípulos a respeito daqueles homens (Mateus 23:1-8):

Então, falou Jesus às multidões e aos seus discípulos: Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem. Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los. Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas. Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens. Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.

O fato de cumprirem os seus deveres religiosos à risca - com todos os acréscimos feitos por eles à Lei - levava uma falsa sensação àqueles homens de estarem agradando e servindo a Deus, o que não era verdade. Ainda existem muitos fariseus hipócritas, que se escondem por detrás de uma capa de religiosidade - cargos, orações, esmolas, jejuns, usos e costumes - para que ninguém jamais conheça a vida pecaminosa que desejam encobrir. Existem milhares desses infiltrados nas igrejas, a quem o Senhor chama de joio (Mateus 13:24-30) e que também podem ser conhecidos como falsos profetas, falsos apóstolos, falsos mestres e anticristos. Nesses casos, além da prática deliberada do pecado, também disseminam falsos ensinamentos no meio da cristandade. Entre esses estão muitos que não colocam a mão no arado, não servem à igreja, não evangelizam nem fazem discípulos para o Senhor. É óbvio que quem não é discípulo verdadeiro não pode fazer discípulos.

Existem, ainda, os fariseus sinceros, que acreditam que a religiosidade rígida glorifica a Deus e até contribui para a evangelização. Aqui, podemos perceber a velha máxima do testemunho pessoal, que diz basicamente que nossa vida transformada e nossas bênçãos atraem os incrédulos para Jesus. Embora seja possível que as pessoas sejam atraídas ao perceberem o nosso novo comportamento e as bênçãos que Deus nos dá, por qual aspecto de Jesus eles serão atraídos? A nossa realidade consegue transmitir a totalidade da mensagem que o incrédulo necessita escutar para que seja convertido (Romanos 10:17), para que seja alcançado pela graça de Deus? Por mais sinceros que sejamos em nossa religiosidade, isso não nos isenta da tarefa áurea de pregar o Evangelho a toda criatura *com palavras*. Esta missão não se restringe àqueles que atuam na área de ensino e pregação na igreja, mas todos somos comissionados pelo Senhor para fazer missões, independente do cargo que ocupemos na igreja local ou se não ocupamos cargo algum. O zelador, os recepcionistas, a equipe de som, os ministros de louvor, enfim, todos temos um chamado. Se somos apenas religiosos cumprindo deveres religiosos, talvez sejamos apenas isso e não sejamos cristãos verdadeiros. Ou talvez estejamos em pecado e precisamos nos arrepender.

## **Conhecimento teórico de Cristo**

Lembro-me de quando eu era criança e ainda frequentava a igreja católica. Eu e meus irmãos, geralmente, íamos à missa na Igreja Nossa Senhora do Rosário, no centro da cidade de Petrópolis, região

serrana do Rio de Janeiro, onde também participávamos do “grupo mirim”, destinado ao público infantil. Fiz o catecismo e recebi a primeira comunhão na Catedral São Pedro de Alcântara, também em Petrópolis. Tenho em mente que, ao longo dos anos como católico, escutei falar muito sobre Jesus, mas não guardo lembranças do que eu aprendia, além do básico sobre a Páscoa e o Natal. Faltava-me a conversão, que veio no ano de 1994, quando vim morar no Nordeste. Naquela época, na igreja católica, ao contrário de mim, muitas pessoas conheciam bastante a respeito de Deus e de Jesus: quem é o Filho de Deus, onde Ele nasceu, como foi seu ministério, sua pregação, seus milagres. Elas eram capazes de descrever os pormenores da sua mensagem, falar sobre a sua natureza humana e divina ou mesmo proclamar a sua vinda. Tudo isso, porém, de uma maneira apenas teórica, desprovida de verdade interior, de vida<sup>8</sup>. Isso, claro, não é uma exclusividade da maioria dos católicos, mas de muitos que se declaram evangélicos, convertidos a Jesus.

Conhecer a Jesus não significa estudar sobre Ele e ser capaz de explicá-lo teologicamente, embora isso seja importante para fundamentar a nossa fé e a nossa evangelização. A verdadeira experiência com Cristo acontece em um encontro marcado por Ele, onde, assim como Saulo a caminho de Damasco, derruba-nos do alto da nossa arrogância e lança-nos no chão do arrependimento. Ou como Jó, homem íntegro e

---

8 Não podemos descartar a sinceridade de muitos católicos em relação à sua fé em Jesus, como existem muitos nas seitas neopentecostais. Todavia, falta-lhes o direcionamento do Espírito Santo a respeito da verdadeira conversão, da verdadeira adoração e do verdadeiro serviço a Deus. Não basta sermos sinceros na nossa fé, precisamos ser bíblicos também, ou seja, crer sinceramente em Jesus com base na sã doutrina, no Evangelho da graça de Deus.

temente a Deus, que, após uma sucessão de tribulações e provas, chegou a dizer a Deus: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42:5). Um conhecimento apenas teórico de Cristo não produz relacionamento pessoal com Ele – entre Pai e filhos e entre Senhor e servos –, não transforma a nossa vida de maneira estrutural e não nos coloca no caminho da evangelização. Até mesmo as boas obras que fazemos em nome de Jesus podem não significar nada no plano eterno, de modo que alguns escutarão dele: “Nunca vos conheci” (Mateus 7:23). Não podemos conhecer a Cristo sem antes sermos conhecidos dele. É esse conhecimento que produz a conversão que nos salva, que promove as boas obras e que nos leva a pregar o seu Evangelho com autoridade, amor e graça. Antes disso, podemos até evangelizar, mas como quem ganha para fazer propaganda de um produto que não consome nem valoriza.

## **Ensino teológico em vez de pregação evangelística**

O estudo teológico é essencial para todo cristão que deseja conhecer profundamente a Palavra de Deus para servi-lo cada vez mais e melhor, como gosto de afirmar. O aprendizado da teologia é relevante para todo cristão e especialmente importante para pastores, mestres e evangelistas, uma vez que são aqueles que o Senhor separou de modo especial para pregar e ensinar a sua Palavra à Igreja e ao mundo. Além da tarefa de evangelizar, o evangelista poderá se deparar com situações em que será preciso abordar alguns temas não diretamente ligados àqueles próprios da evangelização, mas que surgem no diálogo com os

incrédulos, que trazem suas dúvidas e esperam que elas sejam tiradas. Também haverá momentos de confronto com indivíduos de outras religiões ou mesmo seguimentos diversos dentro do próprio Cristianismo, que poderão oferecer não apenas resistência à mensagem do Evangelho, mas tentarão confundir o evangelista, ridicularizá-lo e até mesmo “evangelizá-lo”. Os cristãos despreparados – ou os falsos cristãos – sempre correm o risco de sucumbir por sua falta de conhecimento.

Excetuando-se esses casos, é importante que o evangelista aprenda a separar a mensagem evangelística do ensino teológico. No lugar de uma mensagem sobre a santidade de Deus, a pecaminosidade humana, o sacrifício de Cristo e a conversão, muitos evangelistas incorrem no erro de levar aos ainda incrédulos elucubrações teológicas sobre temas que muitos cristãos ainda não conhecem totalmente. Isso, talvez, aconteça pela pressa de ensinar tudo o que sabem a respeito de Deus e da Palavra enquanto evangelizam. Temem ser questionados e fortalecem sua mensagem com conteúdo e termos teológicos desnecessários e incompreensíveis para quem não estuda teologia. Enquanto o pregador ensina teologia, a evangelização deixa de acontecer, a mensagem simples do Evangelho perde-se na variedade e na complexidade de outros temas. No fim, o incrédulo não sabe o que responder e não pode tomar sua decisão.

O momento da evangelização não é ocasião para se ensinar a doutrina da Igreja, tratar sobre questões relacionadas a usos e costumes, explicar as diferenças teológicas entre “calvinismo” e “arminianismo” ou ensinar sobre eleição, predestinação e as diversas

visões teológicas do Milênio. A mensagem única da pregação evangelística é aquela que falará ao coração do incrédulo sobre sua condição perdida diante de um Deus Santo e Justo e a fé em Cristo que pode salvá-lo. Quando olhamos as pregações apostólicas do livro de Atos, vemos que o seu conteúdo sempre foi Querigmático, ou seja, a proclamação do Evangelho da salvação, chamando os ouvintes ao arrependimento e à conversão. Já as cartas e epístolas possuíam um conteúdo mais teológico e substancial, porque eram dirigidas aos convertidos, capacitados pelo Espírito Santo para compreenderem as coisas espirituais, diferentemente do homem natural (1 Coríntios 2:14-16). Ao falar aos coríntios a respeito da pregação que dele ouviram, o apóstolo Paulo cita os elementos basilares da fé cristã, essenciais àqueles que ainda precisam conhecer o Senhor (1 Coríntios 3-8). Aos presbíteros, em Mileto, ele fala a respeito do seu procedimento e do conteúdo da mensagem que levava a eles: “jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus [Cristo]” (Atos 20:20,21). Em Atos 4:12 e 8:3,5, também vemos a pregação apostólica aos incrédulos centrada em Jesus como Salvador. Os mortos não necessitam de alimento, mas de ressurreição, pois somente então poderão sentir fome da Palavra de Deus e consumir alimento mais sólido.

## **Falta de percepção da fé**

Evangelizar é algo simples. Nas palavras de Mark Dever (2013, p. 66): “A evangelização é o ato positivo de contar as boas-novas sobre Jesus Cristo e o caminho da salvação por meio dele”. Na evangelização, levamos aos incrédulos a mesma mensagem de salvação que um dia nos alcançou e nos resgatou do lamaçal do pecado, onde vivíamos espiritualmente mortos e distanciados de Deus. Quando temos a percepção exata do tamanho da salvação que recebemos gratuitamente, do alto preço pago na cruz pelo Filho de Deus para que a nossa dívida fosse saldada; quando compreendemos que, por nossos próprios esforços e méritos, jamais poderíamos satisfazer a ira de Deus, que merecidamente condena o pecador ao inferno, podemos ter uma pequena noção daquilo que Cristo operou na nossa vida e passamos a valorizar cada vez mais a evangelização. Todavia, se não temos a percepção exata do valor do Evangelho para nós mesmos, não entenderemos o seu valor para aqueles que ainda estão nas trevas do pecado.

Dois pensamentos podem nos levar a esta cegueira espiritual que nos impede de evangelizar. A primeira é entender a conversão apenas como uma mudança de religião ou crença. A religião em si tem bastante valor, uma vez vivida no âmbito da graça de Deus. Entretanto, se a fé cristã for apenas isso, apenas mais uma dentre tantas outras que há no mundo, isso não nos animará a falar com outras pessoas sobre a nossa fé, a dizer-lhes que somente a fé bíblica e ortodoxa é a correta. Em um mundo onde o que vale é aquilo que é politicamente correto e que nos cobra uma perfeita tolerância para com tudo e com todos,

pregar o Evangelho pode significar uma agressão à crença dos outros e um proselitismo intolerante. Muitos que professam a fé em Cristo estão em paz com a religião e as crenças dos outros, mesmo se elas desprezem completamente a Bíblia, porque acreditam que todos os caminhos levam para o céu e o que importa é que as pessoas creiam em Deus. Logo, segundo essa forma de viver a fé, se alguém afirma acreditar em Deus, não devemos importuná-lo com a nossa maneira de pensar.

Muitos evangelistas são tímidos na sua evangelização e supervalorizam a religiosidade e a credence dos perdidos, alegrando-se com eles pelo fato de crerem em Deus e buscar viver os mandamentos da Bíblia. Além do fato de os demônios também crerem em Deus, ninguém é salvo *pela* obediência à Lei, mas pela graça de Deus *para* a obediência (Romanos 3:19-28; 6:14-18; Gálatas 3:11; Hebreus 5:8,9; 1 João 5:3). Somente quando, iluminados pelo Espírito Santo e por sua Palavra, compreendemos que existe um único Deus, um único caminho para Ele - Jesus Cristo - e uma única Palavra divina inspirada - a Bíblia - é que passamos a nos preocupar genuinamente com o destino eterno daqueles que não são cristãos, que não foram convertidos pela graça de Deus, mesmo que, aos olhos humanos, sejam boas pessoas e que pratiquem a sua religião com fervor.

O segundo pensamento é a adesão à fé cristã como uma mera possibilidade de conquistas pessoais. A Teologia da Prosperidade, com o seu sistema de Confissão Positiva, tem impregnado a mente das pessoas com um falso evangelho, que promove uma fé egocêntrica e pragmática. É claro que não podemos chamar de convertidos aqueles que se convertem a

promessas de bênçãos e vitórias, não a Cristo. Mas esse tipo de adesão explica o motivo pelo qual existirem tantos templos lotados de pessoas que não evangelizam: o seu único e verdadeiro interesse na fé é a satisfação das suas vontades pessoais e a realização dos seus planos e sonhos. O seu testemunho pessoal é o que Deus lhes deu em bênçãos materiais a partir da sua fé e do seu investimento em dízimos e ofertas. Não existe uma preocupação genuína com o destino eterno de suas almas, quem dirá de outras pessoas. Mesmo em muitas igrejas tradicionais, que não creem nem praticam esse tipo de teologia demoníaca, os cristãos parecem mais preocupados com sua vida eclesial, suas programações e eventos, sem espaço para o evangelismo e o discipulado.

A nossa conversão não pode ter sido por amor a nós mesmos, mas a Deus. Quanto mais amamos a Deus, mais nos importamos com as pessoas e em pregar para elas o Evangelho, para que também possam amar a Deus e a Ele entregar suas vidas. O Evangelho é poder de Deus para a salvação. Ou seja: temos em mãos a arma mais poderosa que existe, a única capaz de matar para dar vida: a morte do velho homem para que o novo renasça. Conforme escreveu o apóstolo Paulo, em Romanos 6: 5-11:

Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o

pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.

## **Compreensão errada da soberania de Deus**

Uma das grandes controvérsias da fé cristã, que se estende ao longo dos séculos e divide pensadores e teólogos diz respeito à soberania de Deus na salvação do pecador e à predestinação. Não faz parte do escopo deste livro discutir os diversos pensamentos existentes nem tentar provar se este ou aquele estão certos ou errados. Todas as visões teológicas acerca da soberania de Deus podem interferir de modo significativo na evangelização, o que, muitas vezes, acaba influenciando negativamente no cumprimento da Grande Comissão. A pergunta principal é: “Se Deus é Soberano na escolha daqueles que serão salvos e se a salvação é um ato exclusivo da soberania de Deus, por que deveremos evangelizar, uma vez que não está em nosso poder converter o pecador escolhido para a salvação e nem podemos, por oração ou pela pregação, modificar a situação daqueles que não foram escolhidos? O Ide de Jesus é afetado por esses questionamentos quando achamos que evangelizar não é preciso, porque os salvos serão salvos de qualquer maneira.

Erramos quando consideramos que a eficácia da pregação para a conversão do pecador está em nossos métodos evangelísticos e no poder dos nossos argumentos. O poder para regenerar a vida do incrédulo e conduzi-lo à fé salvífica pertence exclusivamente a Deus. Por outro lado, erramos quando esperamos apenas na soberania divina e

esquecemos que a pregação da Palavra é o meio pelo qual o Senhor escolheu para salvar os pecadores. Paulo afirma que “aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação” (1 Coríntios 1:21b). De Gênesis até o Apocalipse, a maneira como Deus se comunica com os homens é por meio a sua Palavra revelada aos profetas e, posteriormente, escrita para testemunho de todas as gerações. Deus não formou uma grande nação sem enviar Abraão nem libertou o povo da escravidão do Egito sem levantar Moisés. Podemos estar certos de que Deus poderia ter realizado todas estas coisas sem a participação e a interferência do homem pecador, mas, por sua graça e soberania, Ele sempre usou pessoas para falar a pessoas. O chamado do profeta Isaías é seguido de uma ordem do Senhor: “Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendeis; vede, vede, mas não percebeis” (Isaías 6:9). A Grande Comissão é a convocação de Deus para a Igreja hoje: “Vai e dize” ou “Ide e pregai”. Se o poder para salvar a vida do pecador é de Deus, isso deve nos estimular ainda mais, porque sabemos que não dependerá dos nossos poucos recursos, mas do poder de Deus. Poderíamos nos entristecer em saber que os incrédulos poderiam não escutar a nossa voz entre tantas vozes de tantas religiões, mas podemos descansar no Senhor, sabendo que aqueles que Ele quiser salvar, serão salvos.

O converter é de Deus, mas o pregar é do homem, usado por Deus. Não existem desculpas. J. I. Packer escreve (2011, p. 31):

O pouco-caso e a passividade com relação à evangelização serão, portanto, sempre considerados atitudes indesculpáveis. A doutrina da soberania divina estaria sendo brutalmente mal aplicada se, ao invocá-la, provocássemos uma redução da urgência, pressa, prioridade e coerção comprometedora do imperativo

evangelístico. Nenhuma verdade revelada pode ser convocada para atenuar o pecado. Deus não nos ensinou a realidade do seu governo com o intuito de nos oferecer desculpa para negligenciar as suas ordens.

Portanto, não deve nos importar quem, quando e onde o Senhor converterá por sua graça e soberania, mas que todos serão convertidos a partir da escuta da pregação do Evangelho da sua glória em Cristo. Por que o agricultor da parábola do sementeiro, em Marcos 4:26-29, lançou as suas sementes à terra e depois foi dormir? Porque ele sabia que não estava em seu poder fazer com que as sementes germinassem, pois “A terra por si mesma frutifica” (v. 28). Não precisamos saber quem são os escolhidos, mas apenas que todos são pecadores e carecem da glória de Deus, sendo justificados por sua graça (Romanos 3:23,24). Paulo escreveu que “a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Romanos 10:17). Como foi dito, a soberania de Deus é a única certeza que temos que, ao escutar o Evangelho, os pecadores poderão corresponder positivamente a Ele, pela graça de Deus. Packer (idem, p. 95), também escreveu:

Assim, longe de tornar sem sentido a evangelização, a soberania de Deus em graça é a única coisa que a previne de ser sem sentido. Pois ela cria a possibilidade – ou melhor até, a certeza – de que a evangelização será frutífera. À parte dela não existiria nem sequer um só possibilidade de a evangelização dar frutos. Se não fosse pela graça soberana de Deus, a evangelização seria o empreendimento mais fútil e inútil que o mundo viu, e não haveria perda de tempo mais completa sob o sol do que a pregação do evangelho cristão.

Por que pregamos o Evangelho? Por que insistimos em falar aos nossos familiares, amigos e colegas de trabalho ou de escola incrédulos que eles devem crer em Jesus para a salvação? Por que oramos pelos perdidos? Por que investimos em missões? Tudo isso seria de todo inútil se não tivéssemos plena certeza de que Deus é poderoso para salvar e que Ele salva quem Ele bem quer. Não há injustiça da parte de Deus, como lemos no capítulo nove da carta de Paulo aos romanos, e não cabe a nós discutirmos com Ele, apenas cumprimos o nosso papel. Se não fizermos isso, estaremos em pecado.

# Considerações finais

“O que leva alguém a proclamar o evangelho podendo custar a sua vida? Somos motivados por temor ao Senhor, pela convicção da verdade e pelo amor de Cristo.”

Mack Stiles

Deixar de evangelizar, tratar missões como um dos múltiplos eventos da igreja local e menosprezar a pregação do Evangelho aos perdidos são frutos amargos do esfriamento espiritual da Igreja. O que é uma Igreja doente? Pode-se apresentar inúmeras explicações que, no fundo, são apenas o sintoma da doença, como a falta de compromisso com a evangelização. A doença em si não é outra além da desobediência à Palavra de Deus, uma desobediência que também pode nos fazer buscar inúmeras razões, mas a única e verdadeira é o pecado que nos coloca em rebeldia contra Deus, mesmo quando fomos reconciliados com Ele. Mas como desobedecemos a Deus? A resposta é: não fazendo aquilo que Ele nos manda? O que Ele nos manda fazer está na sua Palavra, logo, a desobediência contra Deus é um estado de rebeldia contra a sua Palavra.

O que fazemos quanto não valorizamos, respeitamos ou obedecemos a Palavra de Deus. Podemos pensar em três atitudes: não nos preocupamos em lê-la e em estudá-la, não obedecemos os seus mandamentos e não a pregamos a outros. As razões da falta de evangelização podem ser, portanto, resumidas na ausência de amor pela Palavra de Deus.

Ora, se não amamos esta Palavra, se não nos debruçamos sobre a Bíblia com fome e com sede de aprender o que Deus nos ensina para praticar, qual será o nosso interesse em pregá-la a outros? Se a Palavra de Deus não tem feito sentido na nossa vida, com que autoridade a pregaremos aos perdidos? Vemos que o problema da falta de evangelização envolve um profundo arrependimento e a volta do coração da Igreja para Deus, para a sua Palavra, para a voz do Espírito Santo.

Além disso, podemos ver igrejas que amam a Palavra de Deus, que investem em cursos de teologia, em seminários, na qualidade da escola bíblica, em cultos de doutrina e de ensino, mas que não são igrejas evangelizadoras. Podemos acrescentar a tudo o que já estudamos como razões para a falta de interesse na evangelização: a falta de prioridade, o comodismo, a necessidade de investimento financeiro sem retorno para as finanças da igreja local, a competição entre denominações e a vida profissional. Creio que o maior de todos estes é a falta de prioridade, uma vez que não costumamos investir naquilo que não consideramos prioridade, sempre encontramos justificativas ou “algo melhor para fazer.”

Escrevi dois importantes livros sobre a evangelização, que apresentam soluções e apontam caminhos. O primeiro chama-se “Curso de formação de evangelistas em quatro módulos, volume único”, que está passando por uma revisão e será em breve republicado com o título “Missão, vocação e propósito: curso de formação de evangelistas”, em dois volumes. O segundo livro, além de outras questões relacionadas à evangelização, com ênfase na natureza e no conteúdo da mensagem evangelística, traz um tema bastante

atual e urgente: o uso da Internet e das redes sociais para a pregação do Evangelho. O seu título é “Influência Digital e Evangelização (IDE): comunicação, comportamento, relacionamento e evangelismo nas redes sociais”. Todos estes livros apresentam respostas contundentes para as questões abordadas neste volume.

## Referências bibliográficas

FLORES, José H. Prado Flores. *Novos Evangelizadores para a Nova Evangelização*. São Paulo: Canção Nova, 2013.

PACKER, J. I. *Evangelização e a soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

TUCKER, Ruth A. *“... Até aos confins da Terra”*: uma história biográfica das missões cristãs. São Paulo: Vida Nova, 1996.

## Sobre o autor

Olá! Sou o Mizael Xavier, poeta e escritor. Tenho 52 anos de idade. Comecei a escrever poemas aos 12 anos, quando eu e meu irmão sonhávamos montar uma banda de Rock; os meus poemas seriam as letras das nossas músicas. Sou natural da cidade de Petrópolis, RJ, e resido no Rio Grande do Norte há 28 anos. Sou cristão reformado, divorciado, conservador, pai de Thiago e Milena. Possuo inúmeros artigos publicados em jornais de Natal. Realizei vários trabalhos como ator, diretor e multiplicador de Teatro do Oprimido. Além de escrever, sou ensaísta e teólogo. Em 2013, formei-me em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Potiguar. Sou autor dos livros físicos “Eu te amo” (poesia), “Memórias do Silêncio” (autobiografia/Bullying), “Até onde o amor pode alcançar” (poesias) e “Minha poesia” (antologia poética) Participei de duas antologias da editora Lírio Negro (Brasilidade em Versos e Fragmentos de almas eternizadas), e da antologia “Poemas do coração V: Em busca da Paz”, da editora Antologias Brasil. Além disso, possuo mais de 120 e-Books publicados na Amazon. Sou membro da Igreja Batista.

# Redes sociais

**Blog de poesias:** [www.escrevicomavida.blogspot.com](http://www.escrevicomavida.blogspot.com)

**Blog de estudos:**

[www.pregandoaverdadeirafe.blogspot.com](http://www.pregandoaverdadeirafe.blogspot.com)

**YouTube:** Universo da Poesia

**Facebook:** [www.facebook.com/mizael.souza.77985](https://www.facebook.com/mizael.souza.77985)

**Instagram:** [www.instagram.com/escritormizaelxavier](https://www.instagram.com/escritormizaelxavier)

**Livros vendidos na Amazon:**

[https://www.amazon.com.br/gp/aw/s/ref=nb\\_sb\\_noss?  
k=Mizael+Xavier+](https://www.amazon.com.br/gp/aw/s/ref=nb_sb_noss?k=Mizael+Xavier)

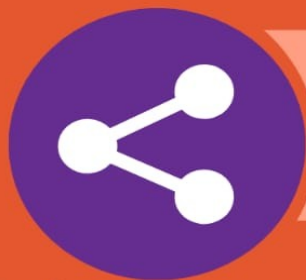
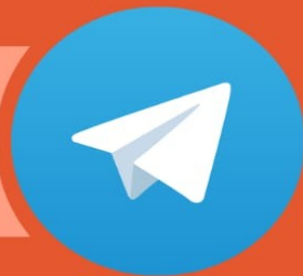
# Catálogo

## De e-books



Conheça alguns dos principais títulos publicados por Mizael Xavier, à venda na Amazon

Contatos com o autor pelo  
Telegram:  
escritormizaelxavier



Compartilhe este livro com  
todos os seus contatos e  
redes sociais

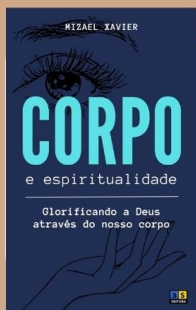
# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



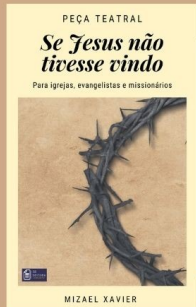
“Neste livro, apresento um breve e edificante estudo baseado em Josué 24:14-25. Nele, o leitor aprenderá sobre as características de uma família cristã que escolhe viver segundo a vontade de Deus, comparando-a com o povo de Israel, que, embora tenha escolhido o Senhor, vivia como se Ele não existisse. Como crentes em Cristo Jesus, somos chamados a viver uma vida familiar cheia da sabedoria, da graça e do poder de Deus.



“Educação cristã de filhos” é um livro que fala da comunicação entre pais e filhos, otimizando-a segundo a Palavra de Deus. Ele também fala sobre a maneira como os filhos percebem a educação seus pais lhe dão, acima de tudo através do ensino bíblico e do exemplo. Uma obra para todo lar cristão, para o ministério de casais da igreja local, para pais que desejam dar aos seus filhos uma educação genuinamente cristã.

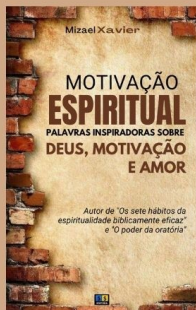


EEEm 1 Coríntios 6:20, o apóstolo Paulo diz que devemos glorificar a Deus no nosso corpo. Como fazemos isso? Como nossos olhos, nossa boca, nossos ouvidos, nossos pés, nossas mãos, enfim, todo o nosso corpo pode ser utilizado para a glória de Deus. É sobre isto que este livro trata, abordando cada parte do corpo separadamente, mostrando como podemos e devemos empregar todo o nosso ser para a glória do Senhor.



“Se Jesus não tivesse vindo” é uma peça teatral que tenta imaginar o inimaginável: um mundo para o qual Jesus nunca nasceu. Como seria este mundo? Como seriam as famílias? Que esperança haveria? Com duas versões – uma para o Natal e outra evangelística – esta peça teatral é fundamental para grupos de evangelismo criativo, que desejam impactar o mundo com o Evangelho da graça de Deus.

# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



Neste livro, reúno dezenas de pequenos textos e frases com temas variados. São aforismos escritos ao longo dos anos e postados nas minhas redes sociais, reunidos em um só volume. O leitor também poderá encontrar volumes separados, com o título "Palavras inspiradoras": 1) Deus, fé e espiritualidade; 2) Motivação, superação e vitória; 3) amor e relações interpessoais. Para sua meditação diária e partilha.



Seguindo a mesma linha do livro "Motivação e espiritualidade", este livro traz mensagens um pouco mais complexas e também com um conteúdo diversificado e relevante. Além disso, ele traz em sua introdução um breve estudo sobre a sabedoria de Deus, aquela que vem do Alto, tomando por base a epístola de Tiago. Importante para quem deseja conhecer mais e melhor a verdadeira sabedoria.

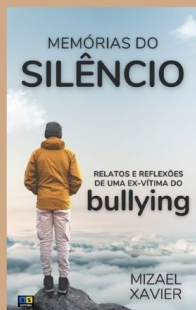


"Liberte-se desse vício" aborda o tema do vício em bebidas alcoólicas e outras substâncias químicas, mostrando os males que causam à saúde física, espiritual, familiar e profissional do usuário. Além de mostrar o problema e suas terríveis consequências, este livro traz uma mensagem evangelística de libertação dos vícios pela fé em Jesus Cristo. Para aqueles que sofrem com seus vícios e para suas famílias.



Neste livro, o leitor terá contato com meu lado poético. Escrevo poemas espirituais, românticos e de temas variados. Neste livro, conto uma histórica de ficção, ambientada na época da Inquisição, onde uma cidade é assolada por uma terrível maldição após queimar uma suposta bruxa na fogueira. E a maldição é: "é impossível mentir". Como conviver com a verdade quando se tem a mentira como a base de tudo? O final é surpreendente!

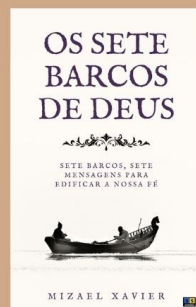
# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



“Memórias do silêncio” é um livro das minhas memórias. Durante muitos anos sofri bullying e, já adulto, assédio moral no trabalho. Passei por situações que ajudaram a moldar a minha personalidade e que me fortaleceram e me ensinaram a confiar plenamente em Deus. Este é um livro de relatos pessoais, mas que ajudarão bastante àqueles que enfrentam o bullying ou têm filhos em idade escolar que sofrem agressões.



Em Cristo, somos mais que vencedores, não importam as circunstâncias, porque o que Ele nos deu, ninguém jamais poderá tirar. Neste livro abordo o tema da vitória cristã sobre o pecado e em meio às tribulações, além de apresentar um estudo sobre o poder que a Palavra de Deus exerce na nossa vida. Edificante e desafiador, este livro foi escrito para quem entende que já possui “mais de Deus”, ou seja, o próprio Deus.



Este foi um dos livros que mais gostei de escrever. Ele apresenta lições espirituais baseada em sete episódios bíblicos em que aparece alguma embarcação. Por exemplo: a arca de Noé, Jonas no navio, Jesus acalmando a tempestade e o naufrágio sofrido pelo apóstolo Paulo. Cada texto trata de um tema diferente ligado à salvação, ao cuidado de Deus e ao crescimento espiritual. Para todos os cristãos sinceros.

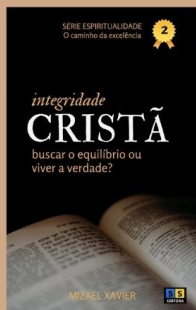


Nesta pequena obra, trago algumas mensagens evangelísticas pequenas, mas com um conteúdo bíblico revelante. O seu objetivo é apresentar a salvação e as suas reivindicações, de modo que nenhum incrédulo possa afirmar que nunca soube do Evangelho. Assim que ele tiver contato com essas mensagens, saberá. Ideal para usar na evangelização pessoal ou pelas redes sociais com pessoas do mundo todo..

# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



Neste livro, apresento um breve estudo sobre a espiritualidade cristã e a degradação em que vive o cristão moderno, distante da sua doutrina, o que produz práticas e comportamentos totalmente contrários à sua nova natureza em Cristo. Tomando como pano de fundo a filosofia de Zygmunt Bauman, este livro pretende alertar a cristandade sobre a necessidade de voltar-se para Deus e para um estilo de vida santo e obediente.



A integridade cristã é apresentada neste livro como um santo contrapondo à teologia do "equilíbrio". Não existe equilíbrio entre a verdade e a mentira, a santificação é o pecado, o Espírito e a carne, Deus e o mundo, as obras da luz e as obras das trevas. A nossa alma não pode ocupar dois lugares ao mesmo tempo. Ou servimos a Deus ou às riquezas. Nessa tônica, o livro chama o leitor a uma vida íntegra, santa, justa e piedosa.

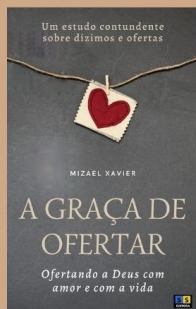


DeBaseado em 2 Pedro 1:5-11, este livro apresenta sete hábitos ensinados pelo apóstolo Pedro para desenvolvermos uma espiritualidade dentro dos padrões de Deus, onde a fé, a virtude, o conhecimento, o domínio próprio, a perseverança, a piedade, a fraternidade e o amor moldam o nosso caráter em Cristo. Um livro importante para quem deseja desenvolver o hábito de ser um verdadeiro adorador e viver cheio do Espírito Santo.

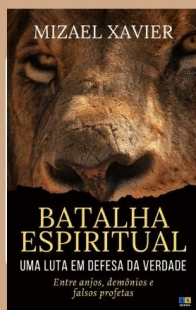


"Dê um upgrade na sua fé" é um livro que fala sobre desenvolvimento e crescimento espiritual, tomando emprestado o Programa 5S de Qualidade Total". Ele fala sobre investir no indispensável, fixar padrões, ser purificados por Deus, saúde espiritual e autodisciplina. O seu alvo é levar o leitor à busca pelo avivamento espiritual, para amar e servir a Deus a cada dia mais e melhor. Com certeza, uma leitura edificante..

# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



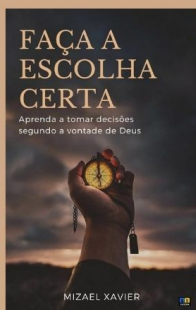
O cristão é obrigado a dar o dízimo ou esta é uma prática restrita à Lei de Moisés e que foi abolida na Nova Aliança? Esta é uma questão que tem gerado bastante debate no meio cristão. Este livro traz um estudo contundente sobre o tema e deixa claro que, não importa se dízimos ou ofertas, mas todos os cristãos são chamados a contribuírem amorosamente com suas finanças para a obra do Senhor.



Existem muitas teologias que tentam explicar a Batalha Espiritual, como o Movimento de Batalha Espiritual e as práticas neopentecostais. Neste livro, apresento um estudo apologético sobre o tema, além de abordar um conteúdo ausente de muitos livros sobre Batalha Espiritual: a luta cristã em defesa da sã doutrina contra os falsos profetas que empesteiam a Igreja do Senhor. A fé cristã ortodoxa é defendida e ensinada neste livro.

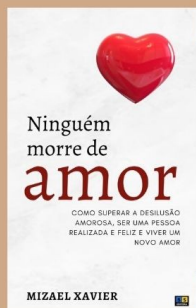


De perseguidor da Igreja e pregador do Evangelho que outrora tentara destruir. A conversão do apóstolo Paulo representou uma poderosa manifestação da graça de Deus e um enorme ganho para o Cristianismo. Neste livro, trago um estudo sobre a conversão de Paulo, como tudo aconteceu e quais as suas consequências e frutos para a sua teologia e para a nossa fé. Este é, com certeza, um livro para edificar e desafiar cada cristão.

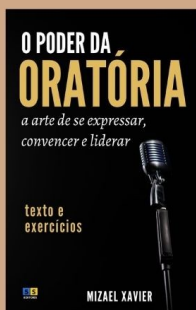


Com quem vamos nos casar? Será que devemos fazer tal viagem? Que curso universitário escolher? Como saber o que Deus quer para a nossa vida ministerial? São perguntas que só podem ser respondidas quando conhecemos a vontade de Deus revelada na sua Palavra, não por meio de profetadas, sonhos e arrepios. É sobre isto que trata este livro, que também apresenta estratégias para conhecermos e praticarmos a vontade de Deus.

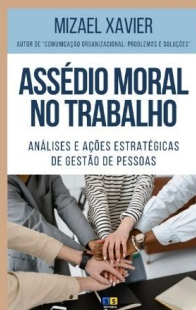
# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



“Ninguém morre de amor” é um livro sobre relacionamentos. Ele inicia com a tentativa de salvar uma relação, desenvolve-se em um processo de superação de relacionamentos desfeitos, inclusive abusivos, levando o leitor pelo caminho da superação, até encontrar-se pronto para investir em uma nova e definitiva história de amor, sob as bênçãos de Deus. Um livro sobre resiliência e sujeição à vontade de Deus para nossa vida sentimental.



Este é um dos livros mais completos que o leitor terá a oportunidade de ler sobre a arte de falar em público. Ideal para pregadores, líderes, vendedores, advogados, CEOs, coaches, estudantes, professores e qualquer pessoa que deseja aprender a arte de se expressar, convencer e liderar. Com exercícios para a prática, “O poder da oratória” é um curso completo que leva o leitor ao crescimento e à vitória pessoal e social.

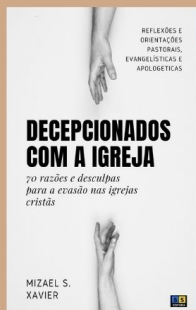


Com certeza, o assédio moral no trabalho é um dos maiores problemas que afetam empresas, empresários e colaboradores. Neste livro, além do conhecimento aprofundado sobre o tema, o leitor contará com estratégias da moderna gestão de pessoas para prevenir, combater e erradicar esse mal, bem como estratégias pessoais de enfrentamento e superação. Ideal para gestores, líderes, gerentes e colaboradores.



Os problemas de comunicação afetam e atrapalham a empresa em diversos níveis. Todo problema é, geralmente, um problema de comunicação. Este livro apresenta ao leitor quais são os principais problemas enfrentados pelas empresas nesta área e oferece soluções para cada um deles. Uma obra importante para quem quer investir na qualidade de vida no trabalho e aumentar a sua produtividade.

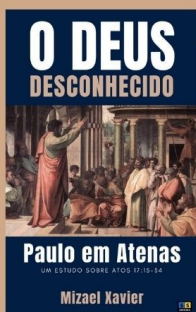
# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



Por que as pessoas saem da igreja? O problema da evasão nas igrejas cristãs é tratado com profundidade neste livro, que analisa 70 razões e desculpas que levam muitos a se afastarem da comunidade da fé e, em alguns casos, a desistirem da própria fé. Este livro também apresenta soluções pastorais, evangelistas e apologeticas, que também levam em conta o movimento dos “desigrejados” e, até mesmo, a apostasia.



A cada dia que passa, torna-se mais difícil definir o que é a igreja moderna, tendo em vista a pluralidade de movimentos que têm surgido ao longo dos anos. Este livro revela a verdadeira face da Igreja do Senhor por meio de algumas marcas que a distinguem de muitos desses movimentos modernos e que têm o seu ponto central a presença do Espírito Santo. Um livro para repensar não somente a igreja atual, mas a nossa participação nela como cristãos.



A visita de Paulo a Atenas e a sua pregação aos atenienses no areópago nos traz grandes lições a respeito do nosso relacionamento com Deus. Será que conhecemos mesmo o Deus em quem dizemos crer? Será que a nossa adoração e o nosso serviço estão compatíveis com a natureza e o caráter do Deus que se revela em Cristo, por meio da sua Palavra? São questões debatidas neste livro.

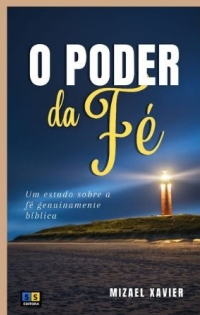


O belíssimo Salmo 23 apresenta o Supremo Pastor da nossa alma de um modo que somente um olhar atento e sensível à voz do Espírito Santo poderá compreender. Muito mais que os pastos verdejantes deste mundo, o Pastor que Davi nos apresenta nos conduz a salvo para os pastos eternos na morada do Senhor nos céus. Este é um Salmo de esperança da salvação para todos aqueles que são do pasto do Senhor Jesus.

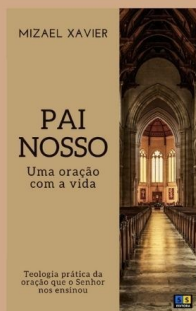
# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



Qual o verdadeiro poder da oração? Existem muitas crenças e práticas em todas as religiões, inclusive no Cristianismo. Este livro trata sobre o tema de um ponto de vista bíblico e não tenta enganar o leitor com doutrinas falsas sobre “mover os céus”, mas apresenta o ensino correto das Sagradas Escrituras, que nem sempre agradam ao crente, mas sempre glorificam a Deus. O poder da oração está em Deus.



De onde vem a nossa fé? Como desenvolvê-la? Qual o seu impacto e os seus frutos na nossa vida? Neste livro, a fé é abordada como o poder de Deus que salva e transforma o pecador, que nos liberta das nossas prisões e nos coloca a serviço do nosso Salvador. Muito mais que um poder para mover montanhas, a fé é apresentada como um conjunto de doutrinas que produzem vida, amor, santidade e evangelização, pelo poder do Espírito Santo.



A oração do Pai Nosso é, com certeza, a oração mais conhecida e recitada do mundo. Mas o que se significa cada uma das suas petições? Ela é uma fórmula para ser rezada mecanicamente? Este livro apresenta a oração que o Senhor nos ensinou como algo a ser, antes de tudo, vivido, experimentado, praticado. Muito mais que palavras repetidas, a oração do Pai Nosso nos chama a um relacionamento íntimo e transformador com o Pai que está nos céus.

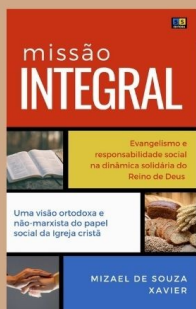


Conhecer a vontade de Deus para obedecê-la e praticá-la é o desejo de todo discípulo que deseja seguir os passos do seu Mestre, Jesus. Mas como saber o que Deus quer para nós? Este livro traz um estudo aprofundado sobre o tema e oferece inúmeras formas bíblicas de conhecermos a vontade de Deus em todas as áreas da nossa vida e em todas as situações. Uma leitura indispensável para os servos e servas de Deus.

# Sinopses de e-books de Mizael Xavier à venda na Amazon



O livro “Curso de formação de evangelistas” é dividido em quatro módulos, que apresentam ao leitor um curso completo para seu uso pessoal ou para cursos de formação na igreja local. Ele aborda os temas mais importantes e essenciais na proclamação do Evangelho, acima de tudo o conteúdo da pregação e o caráter do evangelista. Com certeza, uma leitura que glorifica a Deus e conduz a igreja ao cumprimento do Ide, da Grande Comissão.



Esta não é mais uma obra sobre a Missão Integral, uma teologia vista com preconceito por muitos cristãos e estudiosos da Bíblia. Neste livro, o leitor terá uma visão ortodoxa da Missão Integral, sem nenhuma ideologia marxista e liberal, mas um estudo sobre o chamado de Deus à prática do amor por meio das boas obras para a glória do seu Nome. A missão é de Deus e a Igreja faz parte dessa missão.

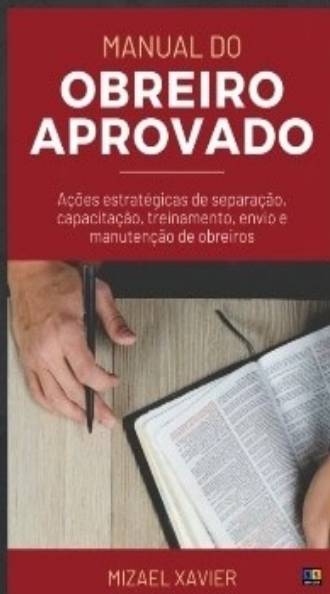
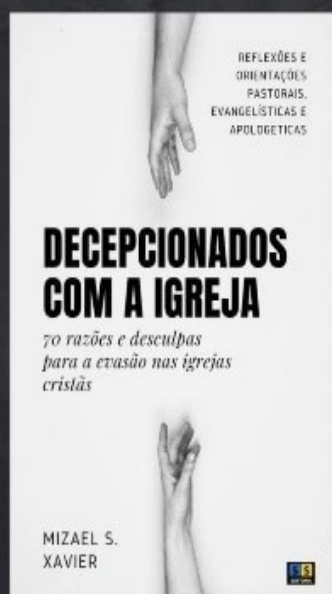
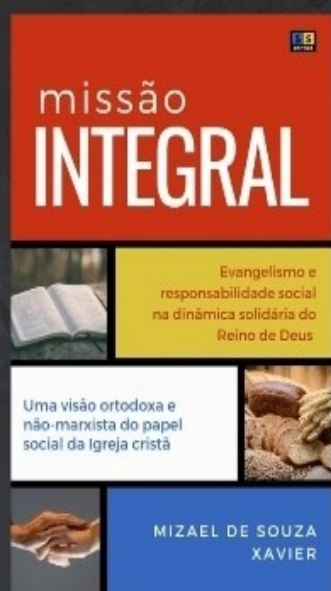
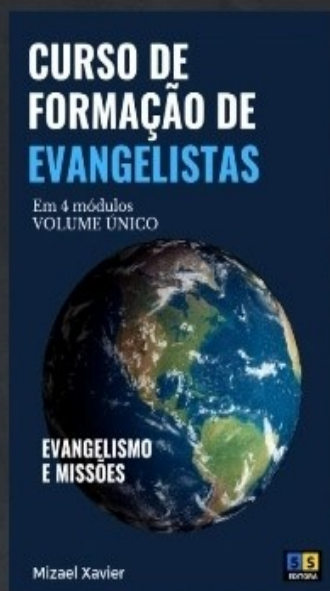


Este livro aborda questões bem atuais e como elas influenciam o comportamento e a evangelização da Igreja. Com um conteúdo bíblicorelevante, “Influência Digital e Evangelização” ensina como o evangelista, missionário e pregador da Palavra de Deus deve se comportar nas redes sociais e como pode utilizá-las para pregar o Evangelho a todas as pessoas em todo o mundo.



Este é um dos poucos livros que aborda o tema da separação, capacitação, treinamento, envio e manutenção de obreiros (pastores, evangelistas, missionários, etc.). Com base na moderna gestão de pessoas, esta obra oferece aos líderes de igrejas subsídios para investimento na qualificação dos seus obreiros e, acima de tudo, no cuidado com a sua saúde espiritual e física. É, com certeza, uma obra que não pode faltar em igrejas comprometidas com o Reino de Deus.

# Livros que edificam a igreja e incentivam o evangelismo



E-books à venda na  
[www.amazon.com.br/ebooks](http://www.amazon.com.br/ebooks)

# Para você crescer!

Muitos devocionais te levam para a zona de conforto espiritual, onde estar bem não significa estar glorificando a Deus.

## Upgrade!

O devocional **DESAFIO DIÁRIO** desafia você a viver na graça de Deus e no poder do Espírito Santo, em uma espiritualidade prática, santa, obediente e cheia de frutos, para a glória de Cristo.



## E-book à venda na Amazon

Obrigado por sua leitura. Se gostou deste livro, compartilhe com todos os seus contatos e grupos. Deus te abençoe sempre.

Mizael de Souza Xavier  
Escritor